



SEGUNDA CARTA ABERTA AO SENHOR GOVERNADOR

Excelentíssimo Senhor Governador, dr. Sinval Guazzelli.

Em nossa edição de janeiro do ano de 1975, neste mesmo espaço, dedicávamos Carta Aberta à Vossa Excelência, reivindicando a obra que sintetiza as aspirações máximas do povo desta região, cujo adjetivo toponímico identifica o seu trabalho e atuação, no vocábulo "Região Celeiro do Rio Grande".

Referimo-nos, Senhor Governador, a estrada Ijuí-Três Passos, a RS-155. Vossa Excelência não estava ainda empossado e nós já tornávamos público nosso apelo em nome da rodovia. E o fazíamos como porta-vozes jornalísticos de uma região que congrega 16 municípios — todos diretamente interessados — depositando nossa fé num Governo jovem que chegava trazendo atrás de si o facho luminoso de muitas esperanças.

Aquela Carta foi endereçada ao "Futuro Governador" que preparava-se para assumir as rédeas do poder, em nome de todos os gaúchos.

E de fato. Parece que identificado com a filosofia de nossa própria necessidade e urgência, fazendo-se credor de todas as nossas esperanças, Vossa Excelência chancelou em um de seus primeiros atos administrativos, o contrato para a construção da importante obra.

Hoje, ao dedicarmos esta Segunda Carta Aberta a Vossa Excelência, o fazemos motivados pela apreensão — e mais do que apreensão — pelo temor, de ver a importante rodovia relegada à condição de não prioritária, no que resultará em identificá-la no mesmo rol das obras chamadas de "Santa Engrácia".

Consideramos perfeitamente dispensável lembrar V. Excia, a importância sócio-econômica dessa estrada para municípios como Ajuricaba, Catuípe, Chiapetta, Coronel Bicaco, Campo Novo, Santo Augusto, São Martinho, Redentora, Braga, Humaitá, Miraguai, Boa Vista do Buricá, Crissiumal, Tenente Portela, Três Passos e Ijuí, todos estes em ordem direta. Também é dispensável dizer que seu traçado, em região totalmente produtora, é de apenas 124 quilômetros.

Mas achamos conveniente lembrá-lo que nesses quase dois anos em que a rodovia vem recebendo obras, muito pouco se fez além da definição do traçado e da respectiva abertura dos cortes, apesar da topografia local praticamente não exigir obras de arte. De asfalto, no trecho Ijuí-Santo Augusto, apenas 10 km. estão concluídos.

E agora tem-se como certa a sua paralisação. Esse é o nosso temor. Tememos mais um inverno (um?) de barro e cerração, com safras (principalmente soja e trigo) que chegam a um milhão de toneladas para transportar em tempo limitado.

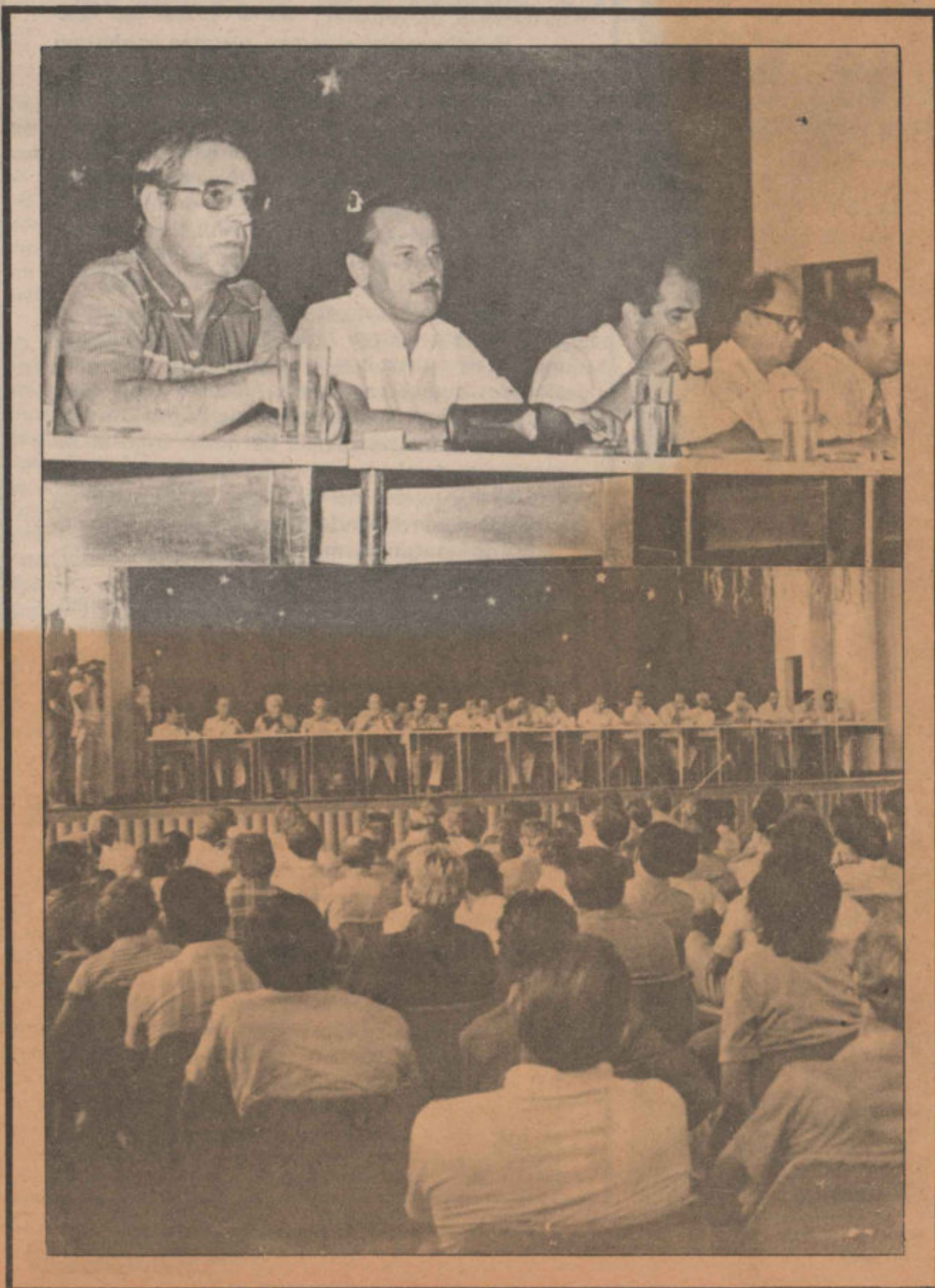
Eis, Senhor Governador, o motivo de nossa volta a este espaço do "Cotrijornal", na esperança (reacesa) de que V. Excia., como o fez em março de 1975, arranje meios para manter esta obra em ritmo constante, visando sua conclusão. É o apelo da Região Celeiro do Rio Grande do Sul.

COTRIJUI ALARGA SUAS FRONTEIRAS

Após estudos que se prolongaram por vários meses através de levantamentos contábeis e auditoriais, sucedido por reuniões de consultas simultâneas (em Dom Pedrito e nesta região) junto aos respectivos quadros sociais, procedeu-se a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris por parte da COTRI-

JUI. A assembléia geral extraordinária que jurisdicionou a encampação foi realizada no dia 17 último, tendo por local o salão de festas da Sociedade Ginástica de Ijuí. Nas páginas 8 e 9 estamos comentando todos os detalhes da assembléia e publicando os discursos proferidos por representantes de ambas as cooperativas. Na montagem fotográfica apa-

recem na parte superior, da direita para a esquerda, o economista Arthur Nardon Filho, diretor da Assessoria, Consultoria, Planejamento e Auditoria — ASCOP — o diretor da CETRIN, eng. agr. Humberto Garófalo; o presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva; o vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews e João Clóvis Gonçalves Maia.





Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.
CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90726506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itálvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Oiderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jôia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.

Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa



EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9, Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

HÁ OS INIMIGOS DO TRIGO NACIONAL?

Falando num dos últimos programas da sé-
rie "Informativo Cotrijui", que a cooperativa le-
va ao ar aos domingos através das rádios Progres-
so de Ijuí e Municipal de Tenente Portela, seu di-
retor-presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva, criti-
cou o posicionamento dos indiferentes e alguns
eternos inimigos do trigo nacional, "que de
quando em vez mostram as unhas na defesa de
interesses pessoais e logicamente inconfessáveis".

Em artigo assinado para o Suplemento Ru-
ral do "Correio do Povo", que circulou a 4 de fe-
vereiro, o eng. agr. Luiz Fernando Cirne Lima,
que já foi ministro da Agricultura, denunciou
"uma nova carga contra a produção de trigo no
Brasil". Os argumentos desses eternos inimigos
de nossa triticultura - ressaltou o ex-ministro -
são de que o trigo nacional é mais caro que o es-
trangeiro e de que o País pode adquirir o cereal
em outros países a preços menores.

Num primeiro impacto, entre aturdido e in-
crédulo, é de perguntar-se: mas há inimigos do
trigo nacional? Pois há! Parece incrível, mas há.

Seus argumentos consistem no preço do
produto, baixa produtividade e pouca resistência
às doenças, etc, etc.

Relativamente ao preço, eles não confessam
- por má fé ou ignorância - que o valor que o
produtor americano recebe pelo trigo é maior do
que aquele pelo qual os Estados Unidos vendem,
de forma subsidiada, o produto para o exterior.
Aliás, segundo editorial que publicamos neste es-
paço na edição de março de 1976, onde focaliza-
mos a soja, nossa produção, colhida e na lavoura,
era mais barata do que a similar americana. Em
relação ao trigo, não há diferença acentuada.

Não confessam também que o trator, o
adubo e até mesmo os juros de financiamento
que o agricultor brasileiro paga, são bem mais
elevados que os pagos pelos "farmer", cuja com-
paração "eles" gostam tanto de fazer. Em rela-
ção à pequena resistência de nosso trigo às in-
tempéries, também essas pitonisas do descrédito
não têm interesse de dizer que só ultimamente
estão se desenvolvendo pesquisas de experimen-
tação no sentido de melhorar as variedades, tor-
nando-as aptas às intempéries e às doenças.

Mas, e mesmo que estes fatos fossem silen-
ciados ou desprezados, bastaria que se argumen-
tasse em termos de economia de escala, para jus-
tificar a necessidade de persistirmos na nossa tri-
ticultura. Só os efeitos multiplicadores dessa ri-
queza, justificam-na.

Quando o agricultor produz, ele cria uma
riqueza. A semente lançada ao solo e multiplica-
da por um fenômeno da natureza, simboliza o
mistério da nossa própria vida. Depois, essa
riqueza criada continua o seu processo econômi-
co de escala, numa movimentação que encerra
aproveitamento de mão-de-obra agrária, trans-
porte, industrialização e comércio, nas diversas
etapas em que é transformado o grão. Enfim, o
assunto é amplo demais para que se possa sinteti-
za-lo na brevidade deste espaço.

Não temos dúvida que o Governo brasileiro
fiel a seu sadio propósito de tornar o País auto-
suficiente em trigo, manterá por todos os meios
os incentivos necessários à continuidade do im-
portante setor.

O ÊXODO RURAL E A PALAVRA PROIBIDA

Um jornal porto-alegrense publicou há pou-
co na sua seção de editoriais, artigo em que ana-
lisa as causas do êxodo rural no Estado e clama
medidas para conter o fenômeno. Expondo sôli-
da argumentação e enumerando estatística, pro-
vrou que 70% dos favelados de Porto Alegre e dos
maiores redutos urbanos do interior são migran-
tes que chegam em busca de oportunidades que
não tiveram em suas regiões de origem.

Ressaltou que chegam anualmente a região
da Grande Porto Alegre cerca de 10 mil pessoas
oriundas do meio rural, tanto do Rio Grande do
Sul como de Santa Catarina. Essas levas de mi-
grantes, procedidas sempre por outras e mais ou-
tras, é evidente que criam problemas de caracte-
rísticas insolúveis para as cidades polo.

O posicionamento do jornal foi correto em
relação à colocação do problema e suas conse-
quências, cuja tendência é o agravamento esca-
lado. Mas estranhamos que, propondo-se a anali-
sar tema de tal magnitude (a terra é a geradora
de todas as riquezas) e em espaço nobre como se
caracteriza a seção Editorial, não tenha se fixado
na questão número um do fator, que sem dúvida
dê-se o nome a que se venha a dar, é a proprieda-
de da terra.

Para o jornal, o êxodo dá-se em virtude
"dos milhares de pequenos proprietários que,
sem assistência creditícia e técnica, resolvem
abandonar a terra em busca de melhores hori-
zontes na cidade grande".

A opinião, neste caso, carece de fundamen-
to. O problema consiste, fundamentalmente, na
estrutura física da terra. É que o dono não se
desloca da sua herdade, senão quando já perdeu
a condição de proprietário.

O presidente da CONTAG, José Francisco
da Silva, durante o encontro "O Homem e o
Campo", promovido em Goiânia em junho de
1976, citando estatística do INCRA, disse que
no Brasil, 76% dos proprietários rurais são mini-
funditários e ocupam 80% da área cadastrada na-
quele organismo. E ressaltou que a diferença é
ainda mais grave quando se analisa os grandes
proprietários: menos de 1% dos proprietários
possuem mais de 40% da área cadastrada. Pois
essa tendência tende a aumentar. Cada vez mais
o grande proprietário pressiona o médio e princi-
palmente o pequeno, para comprar-lhes a terra.

É reconhecida a tendência do rurícola para
permanecer no interior, mesmo quando já des-
provido de seu trato de terra. Levantamentos ca-
dastrais feitos ultimamente por cooperativas de
produção provam que a quase totalidade dos ar-
rendatários e parceiros de hoje se constitui de
proprietários de ontem. Ou por temor a uma
marginalização certa nos arredores da cidade
grande, para cujo desempenho profissional não
está habilitado ou porque tenha esperança de
readquirir a terra perdida, ele permanece no seu
meio tradicional e de origem. Somente quando
não existe a mínima condição de sobrevivência
ali, então ele se desloca.

É hora de se falar em reforma agrária. Essa
palavra, que tem andado omissa, em certo senti-
do, até proibida da linguagem comum, deve vol-
tar a ser encarada como solução natural para
nossos problemas agrários.

A LUTA DO IRÃ PARA PRODUZIR ALIMENTOS

Nenhum povo que possua terras aráveis em abundância; ou que seja medianamente dotado dessa riqueza, conseguirá fazer idéia da luta que se desenvolve hoje em alguns países do Oriente Médio, no sentido de transformar superfícies áridas — verdadeiros desertos — em terras capazes de produzir alimentos. Um desses países é o Irã, de cuja superfície (1.625.000 km²), grande parte é desértica.

Pois esse país, que é rico em petróleo, chegou a conclusão que a única riqueza duradoura, eterna, é o próprio solo. E partiu para uma luta, até certo ponto dramática, no sentido de transformar zonas áridas incapazes de produzir vegetação de estepe, em searas de trigo, cevada, arroz, chá, algodão, beterraba e legumes.

Em sua edição correspondente ao quarto trimestre de 1976, a revista "Caterpillar World", dos Estados Unidos, comenta em extenso artigo a luta dos iranianos em busca da recuperação de parte de suas terras — cerca de 12 milhões de hectares — tornando-as aptas a produzir alimentos.

Há séculos, pastores nômades levam suas ovelhas a pastar na vasta e árida planície de Moghan, a noroeste do Irã, perto da fronteira com a União Soviética. Esses homens, membros da tribo Shahsavan, apascentavam seus rebanhos nos pastos das Montanhas Sabalan, indo em direção ao sul durante o verão e mudando-se para a planície no inverno.

Mas em breve tanto os Shahsavans como suas ovelhas irão se transferir para uma nova área, que oferecerá pastos verdes durante o ano todo para os rebanhos, além de modernas habitações, escolas, atividades de lazer e estradas para o povo.

Esta área estará rodeada de campos de algodão, alfafa, milho, cana-de-açúcar e beterraba. A produção de carne e de aves, as instalações do processamento, a produção de laticínios e outras indústrias baseadas na agricultura deverão localizar-se nos arredores.

Não, os pastores não encontraram Shangri-lá. Na verdade, eles não estão se mudando. Seu novo lar será seu antigo lar de inverno — a ex-árida Planície de Moghan.

A região está sendo transformada em uma área de grande e diversificada produção agrícola e pecuária. Isto faz parte do vasto programa do governo iraniano para aumentar a produção de alimentos e melhorar o padrão de vida do país, rico em petróleo. Outros países, que descobriram no petróleo sua nova fonte de riqueza, têm programas semelhantes. O do Irã, no entanto, é o mais amplo.

As estimativas do país mostram que ele necessita de mais de 12 milhões de hectares de terra cultivada — sendo boa parte irrigada — apenas para produzir comida suficiente para atender o próprio consumo. Faltam-lhe ainda muitos milhões de hectares. Os iranianos, usando equipamentos sofisticados tais como scrapers e tratores de esteira Caterpillar, equipados com o sistema Laserplane de controle de nível, encontram-se agora na fase de preparo de grande parte das terras.

Moghan é o mais recente projeto iniciado pelo governo iraniano com a ajuda de técnica estrangeira e com investimentos de empresas como a Companhia Havaiana de Agronomia.

Esta companhia — com projetos em cerca de 60 países — é subsidiária da C. Brewer e Cia Ltda, uma empresa multinacional de empreendimentos agrícolas com sede no Havaí, que também comercializa projetos e técnicas do setor. É uma das maiores companhias no gênero.

"É uma sensação maravilhosa ajudar o povo a cultivar seus próprios alimentos", declarou William Case, presidente da Havaiana de Agronomia. "Há lugar para todos que queiram trabalhar e produzir neste campo".

Um de seus primeiros empreendimentos no Irã foi planejar e desenvolver um projeto açucareiro em Haft Tappeh, na Província de Kluzastan. Implantada há 18 anos, esta indústria produz açúcar refinado em quantidade suficiente para suprir 15% da demanda do Irã. Um outro grande complexo açucareiro está sendo construído na vizinha Karun. Sua refinaria deverá ser a maior do mundo.

A Havaiana de Agronomia está também ligada à Companhia Internacional de Negócios do Irã (IACI), um enorme projeto para produção de alimentos em Shush, na região sudoeste do país. A IACI pertence a investidores americanos, japoneses e iranianos, e iniciou suas atividades há três anos atrás. Mais de 7.000 hectares já estão sendo cultivados, e mais terras sendo preparadas.

A CHANTAGEM ECONÔMICA ATRAVÉS DOS ALIMENTOS

À medida em que a economia norte-americana se torna cada vez mais dependente de acontecimentos incontrolláveis no exterior, avoluma-se no país um movimento para aumentar os estoques federais de mercadorias estratégicas com o objetivo de empregá-los como uma arma de pressão econômica.

Segundo uma análise de Arlen J. Large e Mitchell C. Lynch, da Telenoticias AP/DJ, a questão envolve bilhões de dólares do orçamento, problemas de política externa e os preços das

matérias-primas, nervosamente acompanhados em Wall Street — preços estes que aumentam quando os Estados Unidos estoquem mercadorias e caem quando o país as vende.

Desde 1959, o governo não acrescentou praticamente nada a seus estoques de 91 materiais (sobretudo, minerais como zinco, alumínio, cobre, etc) que são mantidos como segurança contra uma escassez provocada pela guerra. Em 1973, esses estoques foram reduzidos depois que os planejadores do governo deci-

diram garantir-se para uma guerra de apenas um ano.

Contudo, graças a uma proposta aprovada pelo ex-presidente Gerald Ford, no ano passado, os responsáveis pelos estoques desejam agora preparar-se para uma guerra de três anos. Para isso, estão pedindo permissão para adquirir um total de mercadorias da ordem de 183 milhões de dólares, como primeiro passo para uma expansão que elevaria os estoques a um total de 10 bilhões no fim da próxima década, em comparação com os 7,4 bilhões atuais.

EUROPA QUER ACORDOS SOBRE ZONA DE PESCA

Os nove países-membros da Comunidade Econômica Europeia (CEE) chegaram a um acordo sobre os direitos de pesca de cada um deles, apenas 24 horas antes do início das conversações em que a comunidade, como um todo, iria negociar direitos recíprocos com a União Soviética.

A Grã-Bretanha e a Irlanda, os países que reivindicam direitos nacionais sobre grandes áreas dos mares comunitários, conseguiram importantes concessões de seus parceiros. Contra a oposição da Alemanha, Dinamarca, Holanda e outros, eles fizeram prevalecer o princípio de que qualquer país-membro da comunidade — na prática, a Grã-Bretanha ou a Irlanda — poderá implantar medidas unilaterais visando a conservação dos estoques de peixes em suas águas.

Os irlandeses aproveitaram, imediatamente, a nova disposição para oficializarem sua

primeira medida de conservação. A partir do corrente mês e até o fim do ano, fica proibido o acesso às águas irlandesas de qualquer barco pesqueiro cujo comprimento seja superior a 35 metros. As águas denominadas irlandesas, no caso, alcançam uma distância média de 50 a 60 milhas do litoral.

Para mostrar que a proibição tem, de fato, a finalidade de conservar estoques e não de fornecer a frota pesqueira nacional, o governo de Dublin determinou que a proibição fosse extensiva aos próprios barcos irlandeses. Porém, a medida não deixa de beneficiar os pescadores nacionais. De um lado, a Irlanda possui pouquíssimos pesqueiros acima de 35 metros; de outro, a maioria dos países que, como a Dinamarca, estavam pescando na área em questão antes da proibição, usando somente barcos grandes.

ACORDO URSS-JAPÃO

A União Soviética, que decidiu adotar a zona de pesca de 200 milhas marítimas, propôs um acordo de três anos com o Japão, para quem forneceria peixe em troca da exportação de indústrias de pesca pelos japoneses no valor de 10 bilhões de ienes.

Um porta-voz da Companhia Pesqueira Taiyo disse recentemente que a proposta foi feita pelo ministro soviético da Pesca, Aleksander Ishkov, quando o presidente da empresa, Tojiro Nakabe, visitou Moscou em fevereiro.

Nakabe voltou ao Japão sem ter dado uma resposta definitiva a Ishkov. Nakabe foi a Moscou devido a um convite feito por Ishkov, mas nada transpirou sobre a data que a União Soviética pretende adotar efetivamente a zona de 200 milhas.

BRASIL CONTRA BARREIRAS ECONÔMICA

Os empresários brasileiros estão dispostos a adotar medidas de represália contra os Estados Unidos, caso o governo Carter venha a interpor barreiras alfandegárias ou implantar sistemas de contingenciamento a produtos brasileiros, como calçados e tesouras, segundo informou o secretário-executivo do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos, Paulo Protásio, que participou há dias atrás da reunião do Comitê Executivo do Conselho,

em Washington.

"Há nos Estados Unidos correntes favoráveis ao contingenciamento à importação de calçados", disse Protásio. Mas há também, prosseguiu ele, "pessoas que considero mais esclarecidas, inclusive altos funcionários do Departamento de Estado, melhor informados sobre a importância da expansão das nossas exportações de calçados para lá, com posição mais receptiva a

medidas menos severas. Os empresários membros do Comitê Executivo do Conselho, por exemplo, discordam do contingenciamento. Na minha opinião, passada essa primeira fase política do governo Carter, será possível que os Estados Unidos revejam posições que agora parecem predominantes. E como a decisão final sobre a questão poderá sair só em agosto, não devemos perder as esperanças".

UMA CONSCIÊNCIA CONTRA O FUMO

No começo do ano de 1976 — há um ano, portanto — a Associação Médica do Rio Grande do Sul levantou o primeiro brado de alerta contra o tabagismo, sendo seguida pela Secretaria da Saúde e adesão simultânea de uns poucos jornalistas. Quanto a estes — é importante frisar — não se revelavam tanto contra o vício do fumo em si, mas especificamente contra uma propaganda maciça dirigida à juventude com o objetivo de vulgarizar o consumo do cigarro.

Infelizmente, tudo parece ter passado. Os poucos líderes em prol da causa da saúde da juventude, inclusive a própria AMRGS, cessaram o trabalho. A campanha que chegou tarde ao Brasil, silenciou muito cedo.

Em termos mundiais, a conscientização contra o fumo começou há 15 anos e ainda continua, com vitórias frontais contra a vulgarização do mal do cigarro, principalmente a proibição da propaganda e a obrigatoriedade de imprimir-se nos próprios maços a advertência de que o fumo CAUSA CÂNCER NO PULMÃO E MOTIVA A BRONQUITE, CONTRIBUINDO TAMBÉM PARA A EVOLUÇÃO DE DOENÇAS CARDIACAS.

Em março de 1962 o venerável Real Colégio de Médicos de Londres, que tem 460 anos de existência e nunca tratou de sensacionalismos, completou um exaustivo estudo e publicou um relatório intitulado "Fumo e Saúde". A pesquisa dos médicos britânicos, pela sobriedade e objetividade do relato, estremeceu a Inglaterra e passou a ser analisada com horror em toda a Europa, repercutindo em seguida nos Estados Unidos.

Tal foi o impacto das pesquisas médicas britânicas, que neste último país a revista "Seleções do Reader's Digest" (uma publicação comercial) não só publicou como passou a regeitar publicidade de cigarros e similares.

O Departamento de Saúde Pública dos Estados Unidos, motivado pela revelação preliminar dos médicos ingleses, criou comissão especial em princípios de 1963 para ampliar as pesquisas a respeito. Quando o relatório desta comissão veio a público em começos de 1964, a opinião pública norte-americana ficou traumatizada.

Os jornais da época, divulgando o relatório, estamparam manchetes. O FUMO DO CIGARRO CAUSA CÂNCER NO PULMÃO; A BRONQUITE CRÔNICA É MOTIVADA PELO FUMO; O FUMO REDUZ ENORMEMENTE A FUNÇÃO DOS PULMÕES; A FALTA DE AR É MUITO MAIS PREDOMINANTE ENTRE OS FUMANTES; AS MULHERES QUE FUMAM DURANTE A GRAVIDEZ TENDEM A TER FILHOS ANORMAIS.

Na maioria dos países da Europa e nos Estados Unidos, os governos foram forçados a intervir, a princípio limitando a publicidade de cigarros e posteriormente obrigando aos fabricantes a imprimirem nos invólucros advertências contra o vício.

As medidas adotadas — é claro — reduziram em muito o consumo do cigarro. Mas não foi este o ponto fundamental da questão. O mais importante para os povos europeus e norte-americanos foi a preservação da mocidade nesses países do despertar cedo demais para o vício. Ao contrário do que ocorre no Brasil, onde uma massacrante propaganda de cigarro atinge a mocidade praticamente no berço, na Europa e nos Estados Unidos, graças a campanhas bem orientadas e a sensibilidade dos governos para os problemas da saúde pública, o vício está sob controle.

DEIXEI DE FUMAR

Numa manhã de outubro de 1962, meu auxiliar no gabinete da Presidência do Instituto Sul-Riograndense de Carnes, em Porto Alegre, chegou atrasado denotando acentuada depressão física e mental. Desculpando-se, confessou que não conseguira dormir um minuto sequer durante toda a noite.

Despertara uma hora da manhã para a costureira "tragada", flagrando-se sem cigarros. Foi o suficiente para cair em desespero.

Impossibilitado de conciliar o sono, meu auxiliar, que residia na cidadezinha de Sapucaia do Sul, saiu à rua a procura de um bar aberto, porém não o conseguindo àquela hora da noite.

De tentativa em tentativa, madrugada a dentro, enquanto a vontade de fumar dominava todo o seu ser, tornando-o escravo da necessidade, alcançou a vizinha cidade de Esteio, distante cinco quilômetros, on-

de já na fase do desespero, conseguiu retirar da cama um dono de bar seu conhecido. Ao retornar as seis horas, era tempo de ir para o trabalho.

Até então, não havia pensado em deixar de fumar. Os malefícios do fumo, se não os ignorava totalmente, estavam longe ainda de preocupar uma mentalidade jovem e possuidora de físico atlético.

Confesso que a partir de então, e pela primeira vez, raciocinei em termos de abandonar o hábito de fumante. Fiquei limitado ao próprio pensamento.

Passei então a "criar" uma idéia anti-fumo; a mentalizar a filosofia anti-cigarro. Enquanto o tempo passava, minha idéia fixa se consolidava em forma de repulsa, em ato de nojo ao tabaco, à nicotina. E foi tal a consolidação desse raciocínio que mesmo sem me aperceber, ao ingerir a fumaça, meu subconsciente a

repelia. Meu "Eu" interior a rejeitava. Foi como se minha idéia fixa, superando a própria psique do consciente, se materializasse em anticorpos com a função específica de repelir a nicotina.

De sorte que, meses após haver iniciado esse processo mental de repulsa ao cigarro, senti-me um dia libertado do vício. Sem o menor problema paralelo ou colateral, abandonei sobre a mesa de trabalho um maço com o conteúdo quase intacto, que apesar dos protestos da arrumadeira, exige que deixasse ali até que apodrecesse.

Graças a submissão de meu auxiliar ao vício, tive visão suficiente para me aperceber de que amanhã eu próprio poderia estar no rol dos escravos do fumo. Felizmente, e graças a meu pensamento forte e dirigido, libertei-me a tempo. Você pode fazer o mesmo!

R. QUEVEDO

CRESCEM OS ÍNDICES DA MORTALIDADE INFANTIL

Segundo o presidente do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, Bertoldo Bruze, a mortalidade infantil aumentou em mais de 50% em São Paulo, desde 1961, em consequência da perda do poder aquisitivo do salário mínimo e dos problemas de desnutrição que o fato acarreta.

Ainda segundo ele, são cada vez mais evidentes no

Brasil as relações entre o estado nutricional, a disponibilidade de alimentos e a renda familiar. "Uma quantidade substancial da população brasileira, cujo estado nutricional é merecedor de preocupação, não tem condições de aumentar sua renda a um nível suficiente, que lhe assegure o consumo diário das necessidades mínimas de alimentos", adver-

tiu. Em sua opinião, a desnutrição é um meio de perpetuar as desigualdades sociais e regionais, lembrando que o desequilíbrio econômico entre o Nordeste e o Sul reflete-se no quadro nutricional de forma ostensiva. No Nordeste, a deficiência protéico-calórica atinge em algumas comunidades a 80% das crianças menores de cinco anos.

**NOSSA SAÚDE DEPENDE
EM MUITO DA ÁGUA
QUE BEBEMOS. BEBÊ-LA
FERVIDA OU FILTRADA,
É UMA ADVERTÊNCIA
DOS MÉDICOS**

É O JORNAL O REFLEXO DO GOSTO DO PÚBLICO?

O assassinato de uma mulher da sociedade mineira praticado por seu amante no bairro de Búzios, em Cabo Frio, que ocupou as atenções da chamada grande imprensa do País por vários dias, trouxe a baila uma questão não suficientemente analisada e muito menos esclarecida. A do gosto mórbido da imprensa para o sensacionalismo; em suma, para o crime.

Geralmente é a imprensa acusada de explorar o lado negativo da sociedade, pintando com cores carregadas o trágico, o dantesco.

O fenômeno é mundial. Nas Américas, na Europa, na Ásia, na África, na Oceania, os jornais carregam nos detalhes do trágico e ampliam as fotos da dor. Jornais sóbrios, veículos de cultura, preocupados apenas com o lado positivo da comunidade, estes tem vida efêmera ou limitam suas tiragens a uma classe de leitores que deve ser enquadrada na categoria de "status mental superior".

Para analisar a questão, o jornal norte-americano (sempre os americanos) "The Indianapolis News", realizou uma pesquisa entre seus editores para saber quais as dez notícias de 1976 consideradas por eles, as mais importantes. E paralelamente a pesquisa junto aos editores, desenvolveu pesquisa junto aos leitores.

O contraste entre as opiniões dos leitores e a dos respectivos editores, é notável. Vejamos as questões respondidas primeiramente pelos editores de seções do "The Indianapolis News": 1 - A campanha e eleição presidencial. 2 - Revelações de atos ilegais da CIA e do FBI. 3 - Morte de Mao Tse-Tung e Chou En-lai; mudanças na China. 4 - Agitações na África Meridional, especialmente Angola, África do Sul e Rodésia. 5 - Terremotos na China, Itália, Guatemala, Ásia Central, Indonésia, Filipinas. 6 - O sequestro do ônibus escolar de Chowchilla, Califórnia. 7 - Escândalos envolvendo sexo em Washington. 8 - Doença de legionários. 9 - Guerra Civil do Líbano. 10 - Dois soldados norte-americanos mortos na zona desmilitarizada da Coreia.

Nota-se que as duas histórias consideradas mais importantes tratam de mu-

danças substanciais no governo dos Estados Unidos, e que cinco das restantes dizem respeito a acontecimento de importância internacional. Somente três histórias, todas na parte final da lista, dependem de apelo mórbido e sedutivo à emoção. (No seqüestro do ônibus escolar, ninguém ficou ferido e não foi exigido ou pago resgate; as recordações sexuais de duas mulheres e um agente de polícia não revelaram ou causaram qualquer mudança significativa no nível de governo norte-americano; e a doença de legionários, apesar de seu drama, representa apenas uma parcela relativamente diminuta de sofrimento humano no país).

Em contraste, as dez melhores notícias para os leitores foram: 1 - A campanha e eleição presidencial. 2 - O julgamento de Patty Hearst. 3 - Os escândalos envolvendo sexos em Washington. 4 - Doença dos legionários. 5 - Celebrações do bicentenário. 6 - A gripe suína (uma ameaça que não chegou a se concretizar) 7 - O sequestro do ônibus escolar. 8 - A morte de Howard Hughes. 9 - A decisão sobre Karen Ann Quinlan (o raro caso de uma jovem em estado de coma permanente cujos pais procuraram durante um ano autorização para acabar com a vida dela) 10 - A aterrissagem de um veículo no planeta Marte.

INTERESSE MÓRBIDO

Nesse caso, somente a primeira e a última histórias envolvem acontecimentos novos com ampla consequência potencial, embora o bicentenário seja também legítimo conteúdo de história.

Howard Hughes foi um personagem importante, mas o impacto prático de seu declínio físico nos negócios foi sentido em grande parte do passado, e de qualquer forma não era razão para a fascinação generalizada por ele.

Nenhuma das histórias envolve notícias estrangeiras ou internacionais. Nem existe menção do desaparecimento da liderança da maior revolução do mundo, e subsequente agitação, que por qualquer análise teria de ser o acontecimento mais importante registrado na terra em 1976.

O interesse pelas histórias que os leitores classificaram em segundo, terceiro e oitavo lugares foi largamente lascivo e nas histórias situadas em quarto, sexto, sétimo e nono, em grande parte foi um interesse mórbido.

A pesquisa da Associate Press - o que inclui diretores de rádio e televisão, naturalmente atraídos por histórias que podem ser apresentadas dramaticamente - foi orientada um pouco mais para o sensacionalismo do que a dos editores do "Indianapolis News". Mesmo assim, os editores norte-americanos incluíram a história sobre a economia dos Estados Unidos (recuperação, desemprego e inflação), classificando-a em quarta posição, atrás da eleição presidencial, as mudanças políticas na China e as festas do bicentenário.

Como pôde-se constatar pela pesquisa, a mentalidade pública parece querer o trágico. Revolta-se contra esse trágico apenas quando seus reflexos, individualizantes, podem ameaçar ou ferir a sua própria reputação.

DESAPARECEM JORNAIS HISTÓRICOS

Sob o título "Desfalcada coleção do Correio Braziliense", publicamos em nossa edição correspondente a novembro de 1975, denúncia feita pelo historiador José Honório Rodrigues, do desaparecimento de 26 volumes contendo praticamente a totalidade de uma coleção do primeiro jornal brasileiro, o jornal de Hipólito José da Costa. O desaparecimento, que ocorreu da seção de obras raras da Biblioteca, continua sem resposta, passados 15 meses de sua ocorrência.

Agora um historiador gaúcho, o professor Riopardense de Macedo, em artigo publicado no Caderno de Sábado (edição de 15.1.77) do "Correio do Povo", lamenta a "perda irreparável da única coleção do "Diário de Porto Alegre", o primeiro jornal editado no Rio Grande do Sul, que circulou em 1827".

Exatamente no ano que transcorre o sesquicentenário do aparecimento do jornalismo em nosso Estado, exatamente quando o Museu de Imprensa Hipólito da Costa lança concurso de reportagem sobre o evento, desaparece a coleção. A obra está confiada à responsabilidade do Museu Histórico Júlio de Castilhos e segundo Riopardense de Macedo, teria desaparecido quando era transportada deste para o Museu Hipólito da Costa, na rua dos Andradas esquina Caldas Júnior.

CRIADA A AJOCOOP: ASSOCIAÇÃO DE JORNAIS DE COOPERATIVAS

Já com um membro associado sediado em Santa Catarina e mais oito no Rio Grande do Sul, foi criada a 20 de janeiro, em Porto Alegre, a Associação de Jornais de Cooperativas do Rio Grande do Sul (AJOCOOP).

A nova entidade tem por objetivo a congregação e o aperfeiçoamento profissional dos jornalistas que exercem atividades nos veículos de comunicação cooperativista, especialmente no nosso Estado. A participação associativa do "Jornal da Produ-

ção", editado em Florianópolis pela Organização das Cooperativas de Santa Catarina (OCESC), abre perspectivas para que a AJOCOOP se transforme em entidade de âmbito nacional.

A criação da Associação ocorreu em terceira reunião, com esse objetivo, após reuniões preliminares havidas em Carazinho e Ijuí. Especialmente convidado, participou da reunião o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, João Borges de Souza, que proferiu

palestra de orientação técnica.

A primeira diretoria da AJOCOOP ficou assim constituída: presidente, José Antonio Vieira da Cunha, do "Coojornal" (órgão da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre); vice-presidente, Waldir Antonio Heck, do "Interior" (da Fundação da Produtividade); secretário, Raul Quevedo, do "Cotrijornal" (órgão da COTRIJUI) e tesoureiro, Luiz Francisco Terra Júnior, da revista "Agricultura & Cooperativismo (FECOTRIGO).



CAFÉ, O NOVO VILÃO NA CONSCIÊNCIA AMERICANA

Raul QUEVEDO

O comum dos cidadãos norte-americanos é sempre contra alguma coisa. E esse "Contra" manifesta-se pela visualização, contato ou audição, visando atingir, simbolicamente, o objeto dessa rebeldia.

Se o sujeito-objeto do "contra" é a Rússia, o cidadão manifesta-se contra a vodca, o caviar, se a Alemanha, contra o vinho do Reno; se a Escócia é contra o uísque, se a França, contra o champagne e possivelmente até contra as francesas, o que caracteriza, sem dúvida, um radicalismo que chega aos limites do masoquismo.

Um sociólogo qualificou essa tendência dos esta-

dunidenses para o manifesto-contra, à necessidade de provar que existe. Isolado do mundo num outro mundo que se chama "american way of life"; um mundo de máquinas que controlam máquinas, o cidadão questiona-se em busca de si mesmo e não se encontra.

Aliás, quem percorre os Estados Unidos constata o isolacionismo em que vive o indivíduo comum. E não somente os habitantes das pequenas cidades e vilarejos do meio-oeste, onde o "farmer" mede seu grau de liberdade e independência pela distância que o separa da propriedade do vizinho. Mesmo nas grandes cidades

da costa leste o indivíduo não se caracteriza como o ponto fundamental da paisagem. Em Nova Iorque, por exemplo, ou mais precisamente em Manhattan, em torno de quem gravitam 15 milhões de almas, o indivíduo não sobressai da massa sombria projetada pelos gigantescos edifícios.

Sem dúvida, o norte-americano é um indivíduo no singular. É oculto, é omissivo, é só. Abraçado à garrafa de uísque, não sai da rotina: trabalho-casa-trabalho, incluindo-se o indefectível "porre" caseiro de todas as noites...

De sorte que este indivíduo só e isolado numa multidão que se caracteriza por 220 milhões de solitários, de quando em vez precisa testar a própria existência. Então, protesta.

O protesto é ato coletivo. Contra o novo xerife, que não é suficientemente duro com os negros. Contra os chicanos, que costumam promover algazarra nas ruas de seu bairro. Contra o pároco, acusado de "haver sido excessivamente brando no sermão contra as prostitutas da cidade".

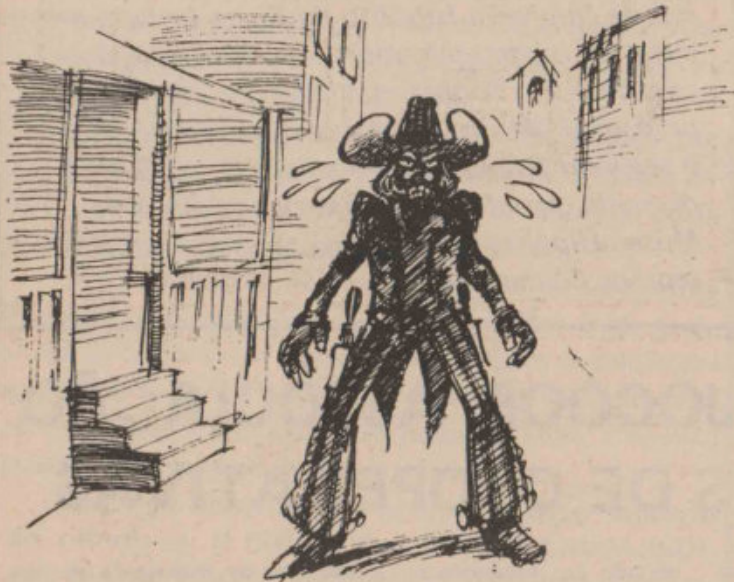
Ora, no caso do café, há um elemento fundamental a sobrepor-se ao preço, alegando como causa do protesto.

É preto. E preto, na América, é o próprio Apocalipse.

Bebamos chá! Chá é digestivo, tonificante. Chá é personificação da própria Loira Albion...

O jornal "Gazeta Mercantil", de São Paulo, gozou o protesto contra o "brazilian coffee", usando a figura típica do pistoleiro do meio-oeste, que na falta de índios para matar descarrega seu "colt" calibre 38 longo no Negro Café.

Em termos econômicos, não creio que o boicote nos causa maiores problemas. Em seguida, a massa de consumidores será desviada para protestos de maior impacto coletivo, cumprindo assim sua predestinação histórica...



Chiu

AS PLANTAS

Luis Fernando VERÍSSIMO

Ora, direis, talar com plantas. Mas existem estudos sérios, científicos, provando que as plantas reagem a ruídos ambientais, à música e a palavras. Mais do que isto. As plantas teriam uma percepção psicológica superior, mesmo, à humana. Assim, ao entrar na casa de amigos você pode dizer num relance como está o ambiente.

— A barra está pesada. Muita hostilidade no ar. Este casamento não dura.

— Como é que você sabe?

— Olha só o desanimo das begônias.

Muitas pessoas estão experimentando criar suas plantas domésticas não apenas com as doses recomendadas de luz, água e fertilizantes mas com palavras de incentivo e a música apropriada. Um "muito bem, querida" ou "você está ótima hoje" podem fazer milagres para o rápido crescimento e a boa disposição do arbusto mais inseguro.

É preciso ter cuidado, no entanto. Nem todas as plantas reagem da mesma maneira ao mesmo tipo de estímulo. Uma correta seleção musical é importantíssima. E, principalmente, muito cuidado com o que você disser na frente das plantas. Se a conversa estiver tomando um rumo desagradável ou ficando muito pesada chame a atenção dos seus interlocutores:

— Ne parle pas devant les folhages...

A seguir, um pequeno guia das preferências e idiosincrasias (por sinal, jamais diga "idiosincrasia" na frente de uma batateira, ela não entenderá e pode ficar humilhada) das principais plantas criadas dentro de casa.

Samambaia — Tem um gosto musical refinadíssimo. Albinoni, Telleman, Brahms (só as sonatas), alguma coisa de Vivaldi. Mas sempre tem aquele momento na madrugada em que tem que ser o Miles Davis tocando com surdina, você conhece. Gosta de ouvir as cotações da Bolsa, Fernando Pessoa e, nos momentos difíceis, a escalção do time do Botafogo de 1948.

Violeta — Altemar Dutra, "O tema de Lara", o bolero de Ravel e alguns do Agustin Lara. Já foram obtidos bons resultados com trechos de Rachmaninoff e manchetes de "O Dia" mas recomenda-se cautela. Jamais deixe de lhe dar "boa noite" antes de dormir ou ela entrará em depressão. Evite qualquer comentário sobre a crise do petróleo ou o Chiquinho Scarpa.

Avenca — Gil, Gal, Caetano, todo o Frank Sinatra de antes de 62. Gosta de começar o dia ouvindo a Coluna do Castello.

Gibóia — A mais difícil de todas. Instável. Tem longos períodos em que só reage a "Assim falou Zaratustra" e os discursos do Terceiro Reich. Outras vezes prefere a Vanusa. O "bip" da TV Globo parece afetá-la de uma maneira estranha. Passa dias recusando-se a ouvir qualquer coisa e de repente está louca por uma foto-novela. Personalidade suicida. Mantenha-a longe da janela.

Comigo ninguém pode — Belchior e os renascentistas. Gosta de ouvir os últimos escandalos. Não tolera barulho de criança e já houve o caso de desabar sobre um cachorro que não parava de latir. Temperamental. Indiscreta. As vezes se arrasta até a porta do quarto para ficar ouvindo.

Espada de São Jorge — Louca pelo Chico. Em leituras, seu gosto é eclético: Augusto dos Anjos, Irving Wallace e a seção de cartas da revista "Amiga". Parece reagir muito bem as proparoxítonas com um leve sotaque eslavo, desde que não seja nada indecente.

Dinheiro em penca — Uma sensitiva. Qualquer coisa pelo coro do Exército Russo pode lhe estragar o dia. Extremamente vaidosa, precisa ouvir elogios de minuto a minuto. "Linda! Linda!" Mas não exagere senão ela desconfia e murcha.

Brilhantina — É Paulinho da Viola e não quer nem saber.

O ANIMAL HOMEM E SEU PANTAGRUÉLICO APETITE

Há no nordeste acentuada preocupação com a extinção de variadas espécies de animais chamados de "caça". Em Aracaju, capital do Sergipe, já foi descoberta a causa principal dessa extinção. Existe um restaurante — o Meu Refúgio — que só serve pratos a base de seriema, tatu, teiú, tamanduá, preguiça, jacaré, cobra e outros.

Os animais são mantidos vivos num viveiro especial e abatidos após escolha, às vistas dos fregueses. O proprietário, Gerson Manuel dos Santos, revela que "o negócio é muito bom, mas o problema consiste em conseguir animais suficientes para atender a procura dos fregueses, principalmente no verão", pois os animais desaparecem".

Segundo revela o "Jornal do Brasil", a fiscalização do Instituto Brasileiro de Defesa Florestal ainda não chegou ao "Meu Refúgio". Seu dono informou

que "jamais tive o prazer de receber a visita das autoridades florestais". E acrescentou: "O problema é dos caçadores. Nós apenas compramos os animais".



ESSÊNCIAS FLORESTAIS NATIVAS NO ESTADO

O boletim da FECOTRIGO, "Trigo e Soja" edição nº 18, que foi distribuído em dezembro de 1976, a título de contribuição ao estudo das essências florestais e frutíferas nativas do Rio Grande do Sul, publicou extenso e pormenorizado trabalho de autoria dos engenheiros agrônomos da Secretaria da Agricultura, Alberto Emílio Maixner e Lair Angelo Baum Ferreira.

O trabalho, ilustrado em caprichada impressão gráfica com as principais essências vegetais do Estado, algumas em fase de quase extinção, ocupa 28 páginas da revista. E não se limita o trabalho em apresentar a estampa de nossa flora. Faz também uma denúncia sobre a situação atual de nossas reservas e verbera contra os processos de desmatamento vigentes no Estado e no País.

Complementa a edição da FECOTRIGO, "O cultivo da erva-mate" de autoria de Maria Teresa Tarragô; "Fruteiras nativas", do eng. agr. João Rodrigues Mattos e "Sementes florestais", da eng. agr. Dóris Irigon Amaral.

A VINGANÇA DOS PÁSSAROS "PIJULES" DA GUATEMALA

Na localidade de El Peten, região florestal ao norte da Guatemala, os garotos do lugar costumam divertir-se retirando os ovos das pássaros e destruindo seus ninhos. Consta, inclusive, que esses garotos costumam fazer competições entre si para ver quem consegue localizar (e destruir) o maior número de ninhos.

O hábito parece ser antigo, visto que as ações predatórias daqueles garotos chegou a ser estilizada ao ponto de motivar campeonatos com vistas a ferir

esses fundamentais elementos da natureza.

Mas agora, segundo um breve comunicado divulgado pelo "Jornal do Brasil", edição de 15 de janeiro, os pássaros Pijules (como são chamados) resolveram vingar-se dos garotos destruidores, arrancando-lhes os olhos.

Segundo a mesma nota do jornal carioca, sempre que pássaros flagravam os meninos destruindo seus ninhos, atacavam-nos; mas apenas o casal. Agora, porém, o fizeram em bandos e organizadamente, usando táticas

de avanço e recuo conforme a própria reação de defesa dos garotos predadores. E o alvo principal dos pássaros era os olhos dos garotos, pois segundo foi constatado após o "combate", grande número deles recebeu ferimentos no rosto.

O fato lembra o argumento do filme de suspense intitulado "Os Pássaros", no qual, segundo a narrativa, as aves atacam uma localidade colocando-a em pânico. É a natureza que se vinga dos predadores.

OS INIMIGOS DA NATUREZA

O jornal "O Interior", de Carazinho, editado pela Fundação da Produtividade, publicou em uma de suas últimas edições a ilustração que reproduzimos nesta página, sob o título "Os inimigos da natureza".

O jornal conclamou a toda a população de sua região de circulação, especialmente os pais e professores a educar filhos e alunos e concitou as autoridades para agir contra os desatinos e selvagerias dos "sinistros indivíduos que se constituem em vergonha para a formação cristã da sociedade brasileira", que são os matadores de pássaros e todos os demais tipos chamados "caça".



PROTESTOS CONTRA TIRO AO POMBO

Ecologistas de todo o País tomam posição contra a ameaça do tenebroso crime contra o meio ambiente, representado pelo Torneio Internacional de Tiro ao Pombo, marcado para este mês na cidade de Foz do Iguaçu. Referido campeonato prevê o extermínio de 28 mil aves a serem abatidas durante o vôo, conforme o regulamento do malfadado esporte da morte. Apelamos para a atenção e ação das autoridades do País, a que não permitam a concretização dessa barbárie, que simboliza hediondo crime à natureza, no momento em que se luta para dar transmitir à juventude os melhores exemplos do respeito ecológico.



CONSOLIDADA ENCAMPAÇÃO DA COOPERATIVA PEDRITENSE

Reunidos em assembléia geral extraordinária a 17 de fevereiro, tendo por local o salão de festas da Sociedade Ginástica, associados da COTRIJUI e da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris, aprovaram a encampação desta cooperativa pela primeira, culminando com demarques nesse sentido que se processavam há meses.

Os trabalhos foram instalados em terceira convocação, às 14 horas, sob a direção do presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, tendo participado da mesa o diretor da CETRIN, sr. Humberto Carófalo, especialmente convidado; os diretores da cooperativa encampada, tendo a frente seu presidente, sr. João Clóvis Maia e vice-presidente, sr. Pascoal Marcelo Brandi; o vice-presidente e diretores da COTRIJUI, além de seus diretores e conselheiros.

Abrindo os trabalhos, para um público constituído de associados de cerca de 400 pessoas, após lidos os editais de convoca-

ção pelo bacharel Rui Polidoro Pinto, servindo como secretário, o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva procedeu a leitura do parecer da comissão mista que estudou a viabilidade de incorporação da Cooperativa Pedritense, cujo teor foi o seguinte:

A comissão mista constituída nas assembléias gerais extraordinárias das Cooperativas Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda e Regional Triticola Serrana Ltda, realizada nos dias 16 de novembro de 1976 e 3 de fevereiro de 1977, respectivamente, com a finalidade específica de analisar a viabilidade de incorporação da primeira pela segunda, vem, de acordo com a legislação em vigor, expressar o seu parecer, submetendo-o a apreciação dos associados na Assembléia Geral Extraordinária Conjunta que realizou-se em 17 de fevereiro de 1977 na cidade de Ijuí.

1 - Considerando que no protocolo de intenções de incor-

poração firmado em 16 de novembro de 1976, as duas cooperativas convencionaram em atribuir a ASCOP Ltda, sociedade civil prestadora de serviços de assessoria, consultoria, planejamento e auditoria contábil, poderes para proceder aos estudos necessários à incorporação, em especial o levantamento patrimonial, plano de distribuição de quotas partes, destino dos fundos de reservas e outros, bem como o projeto de estatuto;

2 - Considerando que os integrantes da comissão mista receberam em tempo hábil o trabalho elaborado pela empresa retro, tendo-o considerado satisfatório;

3 - Considerando que a comissão mista entende que a incorporação atende aos interesses dos associados das duas cooperativas; Resolve pelo voto unânime de seus integrantes, recomendar a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda, pela Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda, recomendando que a incorporação seja realizada com base nas con-

clusões da ASCOP Ltda, que é a seguinte:

A Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda, apresentava na data do encerramento das demonstrações (30.10.76) um capital subscrito de Cr\$ 2.594.249 (Dois milhões, quinhentos e noventa e quatro mil e duzentos e quarenta e nove cruzeiros), representado por Cr\$ 2.594.249 quotas de Cr\$ 1,00, sendo que deste total ainda faltam integralizar Cr\$ 18.032,00 (Dezoito mil e trinta e dois cruzeiros).

Levando-se em consideração que o patrimônio líquido atinge o montante de Cr\$ 2.898.295,12, teremos um valor patrimonial de Cr\$ 1,11.72 (Um cruzeiro, onze centavos, ponto, setenta e dois), havendo, portanto, uma valorização de Cr\$ 0,11,72 por quota de capital.

Deve ser considerado que se trabalhou com base em um levantamento mensal, sendo que muitas vezes fomos obrigados a recorrer a procedimentos alter-

nativos de auditoria, o que pode ocasionar que no processo de incorporação se verifique a necessidade de pequenos ajustes.

Em face das determinantes retro expostas, somos do parecer que a incorporação deverá ser levada a efeito pelos elementos constantes do balanço ajustado em anexo, atribuindo-se aos associados da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda, as quotas de capital correspondentes aos valores subscritos e integralizados, levando-se o valor de Cr\$ 304.46,12 (Trezentos e quatro mil, quarenta e seis cruzeiros e doze centavos) a uma conta de reserva na cooperativa incorporadora.

Recomenda ainda a comissão que seja considerada como data base para a incorporação o dia 28 de fevereiro do corrente ano. João Clóvis Gonçalves Maia, Pascoal Marcelo Brandi, Abu Souto Bicca, Ruben Ilgenfritz da Silva, Arnaldo Oscar Drets, Clóvis Adriano Farina.



Vice-Presidente da Pedritense: PECUARISTAS COMPREENDERAM QUE «A UNIÃO FAZ A FORÇA»

Em nome da Pedritense, e por designação de seu presidente, sr. João Clóvis Maia, falou o vice presidente, sr. Pascoal Marcelo Brandi, cujo discurso que se caracterizou pelo entusiasmo, publicamos a seguir:

Dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, digníssimo presidente da COTRIJUI, srs. membros do conselho diretor, senhores associados,

minhas senhoras e meus senhores.

Por deferência do sr. João Clóvis Maia, mui digno presidente da Cooperativa Pedritense, fui designado para vos dirigir a palavra nesta oportunidade, em nome do conselho diretor e dos associados de nossa Cooperativa. Honrado com essa missão e ao mesmo tempo contente com a realização da almejada unifica-

ção de duas entidades identificadas pelo mesmo ideal e irmanadas pelos mesmos princípios de solidariedade, altruísmo, dedicação, trabalho e otimismo, sinto-me à vontade e, também gratificado por ter sido um dos propugnadores desta incorporação.

Meus senhores. O sol é algo mais que uma fonte de calor e de luz. É por assim dizer um sim-

bolo de esperança que não nos abandona jamais. Acalentando nossos berços, nossos solos, nos torna cada vez mais irmãos. Parece que entendemos esse recado da natureza e ligamos por um traço de união duas regiões diferentes em solo e em produção, com uma altruística finalidade de somarmos conhecimentos, fazermos intercâmbio em benefí-

cio do Rio Grande e do Brasil, ao mesmo tempo que procuramos amparar por todos os meios a classe que é, por assim dizer, o esteio da economia de nosso Estado e baluarte de suas conquistas sociais: a classe produtora rural. Classe muitas vezes incompreendida e por vezes até sacrificada, que para sobreviver vai

COOPERATIVISMO

procurar guarida no sistema cooperativista, o único que lhe garante a sobrevivência.

O cooperativismo em geral e esta incorporação em particular, complexo COTRIJUI/PEDRITENSE, antes de ser um bom negócio, é um estilo de vida. Causa e efeito sócio-cultural do aproveitamento produtivo e humano da terra e dos homens. Em face dessa realidade indissociável da idéia mais pura que se possa ter de humanismo, afirmamos

que a incorporação COTRIJUI/PEDRITENSE não é fruto da oportunidade mas frutifica oportunidades. Por isso é bom lembrar que acima de todo compromisso escrito e formal deve estar o compromisso tácito de união e pleno entendimento em todas e quaisquer circunstâncias, dos associados desde já unificados na COTRIJUI.

Falam em gigantismo simplesmente porque os produtores da área agropastoril, por fim,

compreenderam o antigo rifão que diz: "a união faz a força". É isso, meus senhores, que estamos fazendo. Estamos somando esforços para o bem comum. Estamos promovendo um intercâmbio altamente benéfico para o Rio Grande porque, dessa troca de experiência resultará um progresso maior tanto na área agrícola como na pecuária. Agricultura e pecuária irmanadas para a grandeza da Pátria e tranquilidade do povo. Mesa farta, povo

tranquilo. A revolta, o inconformismo, o terrorismo, não encontram guarida nos corações bem formados, e, principalmente, quando esses corações fazem parte de organismos bem nutridos.

Meus senhores. Não nos intimidem as nuvens negras que por vezes toldam os horizontes num prenúncio de tempestade. Não nos desestimulem os pregadores das derrotas nem nos embriaguem ou desnorteiem os

arautos de vitórias inconcebíveis. O bom-senso, a razão, o trabalho a dedicação e a lealdade fizeram desta organização, desta COTRIJUI, uma grandeza do Rio Grande e agora com a ampliação de sua influência em área diversificada de produção, cumprindo uma das suas metas sabiamente preconizadas pelo governo federal, estou certo, teremos motivo de maior orgulho, de maior satisfação, porque estaremos servindo ao Rio Grande e ao Brasil.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA COTRIJUI

Resumo do discurso de Ruben Ilgenfritz da Silva:

"Cremos, prezados companheiros, que pouco se poderá acrescentar ao discurso lúcido do eminente representante da Cooperativa Pedritense de Produtos Agropastoris.

Nesta platéia que aqui se encontra, já nos é difícil identificar pelo semblante e aparência, a existência de qualquer separação pelas origens dos membros que compõem esta assembléia. Já é praticamente impossível saber quem veio de Dom Pedrito ou de Ajuricaba; Tenente Portela ou Coronel Bicaco, ou mesmo de Ijuí. Vemos na maioria que as mãos são calejadas e que o trato, a gentileza e o carinho, fazem parte deste ambiente de mútuo respeito e grande responsabilidade.

Nós, que já neste momento, podemos nos dirigir aos companheiros de Dom Pedrito como "nossos associados", nos declaramos eufóricos e satisfeitos por essa integração que é o resultado de um esforço de homens lúcidos e despreendidos, desapegados de cargos, que ao darem-se conta que havia um meio de centralizar a administração para baratear os custos e com isto oferecer maiores e melhores resultados econômicos aos associados, buscaram este centralismo que sem dúvida é a solução para o crescimento e a definitiva consolidação do cooperativismo. Esta soma de esforços, como muito bem falou o dr. Pascoal Marcelo Brandi, significa que o cooperativismo está crescendo; crescendo e se organizando para enfrentar

o grande desafio do progresso e do desenvolvimento. E podemos dizer que estamos nos organizando para sermos compreendidos na nossa luta que tem muito a ver com os interesses da coletividade — e não só a coletividade que produz, mas também à coletividade dos consumidores. E mais, queremos ser compreendidos não como simples partícipes de decisões já tomadas mas queremos participar como membros de decisões a serem tomadas.

Afinal, temos demonstrado que ao longo de nossas atividades, ao longo de nossa vida, praticamente afastamos de nosso dia-a-dia o impossível das realizações. Lembrem, associados, quando em anos atrás nos reunimos em assembléia pa-

ra discutir problemas de infraestrutura, para nos aventurarmos a outras regiões. Foi quando sentimos a necessidade de que nosso trabalho fosse remunerado adequadamente. E assim construímos o Terminal Marítimo, um orgulho nosso, fruto do nosso trabalho. E nos lançamos à tarefa de ampliação das fronteiras geográficas da cooperativa em sua área contínua serrana e missioneira. E agora nos abraçamos à campanha. Nos abraçamos e nos damos às mãos; mãos calejadas e firmes de homens de trabalho e de ação. Por uma reflexão do que já fizemos até aqui pode-se dimensionar o que faremos no futuro, no campo da produção.

Levaremos força de trabalho para a região de

Dom Pedrito e lá receberemos a terra que já nos falta aqui. E juntamente com a terra, receberemos também naquela região uma experiência na atividade pecuária, com o que resultará no casamento agricultura e pecuária, completando este importante ciclo da produção primária.

Na parte final de seu discurso, disse Ruben Ilgenfritz da Silva: cremos que se nós pudermos levar avante mais este projeto — e não há porque não completarmos bem — nos estaremos dando um grande e salutar exemplo não só às lideranças do cooperativismo mas à toda a economia da própria nação brasileira, que necessita somar esforços para produzir ao mesmo tempo que tem urgência em baratear, minimizando seus custos.

COTRIJUI E CHV-HOLANDESA EM INTERCÂMBIO DIRETO

Durante estada no Rio Grande do Sul, visitando a COTRIEXPORT em Porto Alegre e a COTRIJUI em Ijuí, dia 20 de janeiro, o sr. John ten Houten, diretor para intercâmbio internacional da CHV (Cehave nv Veghel) fechou negócio com a COTRIJUI para fornecimento de 60 mil toneladas de farelo de soja para entregas parceladas de 5.000 toneladas por mês, no prazo de um ano. Esse foi o primeiro negócio fechado pela COTRIJUI com uma entidade co-irmã do exterior, o que quer dizer que a porta foi aberta para novos e grandes negócios, para o futuro.

A cooperativa holandesa, que opera em variados campos da produção e comercialização, congregando 28.000 associados, tem como atividade principal a produção de rações para ga-

do leiteiro, suínos e aves. A cooperativa compra os componentes e fabrica as rações para repasse aos seus associados.

O sr. John ten Houten foi recebido em Porto Alegre pela COTRIEXPORT no dia 17 de janeiro, tendo observado o aparato eletrônico de comunicação da empresa, em conotação direta com os maiores centros de negócios do mundo. De Porto Alegre foi levado a Rio Grande para observar o complexo de armazenagem e pier de embarque do Terminal "Luiz Fogliatto", sendo posteriormente trazido a Ijuí, onde fechou o negócio para o fornecimento das 60.000 toneladas de farelo durante o prazo de um ano.

Na foto o dirigente cooperativista holandês com o presidente da COTRIJUI e diretores.



AGRICULTURA E PECUÁRIA NUM CASO DE INTEGRAÇÃO

O jornal "Folha da Tarde" de Porto Alegre, um dos órgãos da Companhia Jornalística Caldas Júnior, publicou em sua edição de 17 de dezembro lúcido e qualificado editorial de análise sobre a integração agricultura e pecuária.

Mesmo sem citar nomes, o editorialista deixou claro que referia-se a encampação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris pela COTRIJUL. Transcrevemos a seguir, na íntegra, o editorial do vespertino porto-alegrense.

A incorporação de uma cooperativa de carnes por uma de agricultores, realizada recentemente no Estado, deu margem a manifestações bastante ilustrativas, assumindo, por vezes, características de nítida controvérsia em torno do binômio pecuária-agricultura. Antes, porém, de

examinar-se os fundamentos sócio-econômicos da questão, caberia considerar-se a estrutura cooperativista dos dois setores. Enquanto as cooperativas de carnes atuam, de modo geral, em faixa municipal; poucas vezes ultrapassando-a, as cooperativas agrícolas, sobretudo aquelas que se formaram nas áreas de trigo e soja, adquiriram características amplamente regionais. Aliás, já se fala, a propósito, até mesmo em gigantismo, pelo menos em relação a uma das nossas principais cooperativas agrícolas, já projetada, inclusive, no norte do País e contando, ainda, com vinculações no exterior. Trata-se, porém, de um gigantismo que, não extrapolando os limites, nem falseando o espírito cooperativista, como é o caso, não tem por que ser combatido ou freiado.

O que se deve evitar é a pulverização das entidades cooperativistas, não o seu fortalecimento, mesmo quando assumam proporções de gigantismo, no bom sentido.

A propósito desta incorporação no campo do cooperativismo houve quem situasse o assunto em termos de "pecuária sendo engolida pela agricultura". Embora a atividade agrícola produza, entre nós, maior rentabilidade que a pecuária, captando, assim, investimentos de maior vulto, nesta incorporação parece não ter havido "engolimento" algum, pelo simples motivo de que a cooperativa agrícola que absorveu a de carnes (e, também, de lã) teve em vista, principalmente, diversificar as suas atividades, passando a operar em dois novos setores: o da carne e o da lã. Assim, a idéia da integração agro-

pastoril, que motivou a incorporação, pode ser acolhida com naturalidade. Aliás o lado vulnerável do nosso cooperativismo continua sendo o administrativo ou gerencial. Havendo boa gerência, com a criação do clima de confiança que infunde entre os associados, até mesmo cooperativa de pequeno porte, que atuam apenas em limites municipais, como é o caso da maior parte de nossas cooperativas de carne, conseguem superar todas as dificuldades e produzir resultados que asseguram sua continuidade. Não era este, porém, o caso da cooperativa que foi salva pela incorporação. Como, de modo geral, as más gestões não têm outra causa senão a falta de preparo especializado, no que diz respeito à administração cooperativista, em todos os setores, esta deficiência terá de ser superada atra-

vés da formação de quadros altamente capacitados, de onde deverão sair verdadeiros executivos para o cooperativismo. Enquanto houver carência gerencial, seria até benéfico que as cooperativas bem administradas pudessem incorporar ou absorver as que não o são.

Seria uma forma de fortalecer o sistema cooperativista, cujas virtudes e benefícios econômicos e sociais só deixam de produzir resultados quando falham os respectivos dispositivos gerenciais.

O fato de uma cooperativa agrícola incorporar uma cooperativa pecuária, antes de ser colocado em termos conflitantes, poderia ser encarado como uma forma eficiente de integração entre os dois setores, tornando ambos, assim, menos vulneráveis.

COOPERATIVISMO REUNE-SE NO DIA 16 EM GRAMADO

O IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo será realizado entre os dias 16 a 18 do corrente, em Gramado. Para a direção da OCERGS (Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul) esta será uma das principais atividades para o fortalecimento do cooperativismo gaúcho durante este ano.

Além da OCERGS, estão participando da organização do Seminário as demais entidades ligadas ao cooperativismo que integram a Comissão Estadual do Programa Nacional de Cooperativismo: INCRA, BNCC, ASCAR e Secretaria da Agricultura.

Os participantes do Seminário vão assistir conferências e participar de debates entre vários especialistas do cooperativismo; reunirão teses e proposições sobre a doutrina cooperativista para serem encaminhadas ao Congresso Nacional de Cooperativismo; e além disso, manterão um intercâmbio de experiências com as cooperativas de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná.

Durante o Seminário deverão estar presentes o Presidente da República, o ministro Paulinelli, da Agricultura, além de di-

rigentes, líderes e associados de diversas cooperativas gaúchas e de outros centros do País.

PROGRAMA

Na programação do Seminário consta para o dia 16, a partir das 14h, a inscrição e apresentação de credenciais; às 16 horas, ocorrerá a sessão solene de instalação. Na parte da noite, às 20h e 30min, o diretor do Banco Central do Brasil, Ribamar Mello desenvolverá uma palestra abordando o crédito bancário.

Para o dia 17, às 8h, está prevista a sessão plenária para a instalação das comissões técnicas; às 10h, reunião das comissões técnicas; 14 h, trabalho das comissões técnicas; e às 18h, conclusão e entrega dos trabalhos. No período noturno, às 20h e 30min, será apresentada a mais importante palestra do Seminário sobre "Mercado a Termo e Hedge", pelo representante da Drexel Burnham, Deam Burnquist, (atua na Bolsa de Chicago) juntamente com os representantes da Cotriexport, Valdiner Fagundes e Roy Haybittle.

No dia 18, está marcado para às 9h uma palestra sobre o

Programa Nacional de Cooperativismo, pelo chefe do Setor de Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Oswaldo Freire da Fonseca Junior, com o assessor do Banco Nacional de Crédito Cooperativista, Eugênio Giovannardi. Depois desta palestra, às 10h e 30min, ocorrerá o primeiro intercâmbio de experiências entre cooperativas, do qual participarão as cooperativas de consumo Rhodia e da Volkswage n de São Paulo. Neste intercâmbio será aplicada a técnica do painel, isto é, serão colocados no quadro todos os mecanismos desenvolvidos pelas duas cooperativas paulistas, seguindo de debate entre todos os participantes. No início da tarde, às 14h, está prevista a sessão plenária com a discussão e aprovação das teses e proposições; às 16h, será novamente realizado um intercâmbio entre cooperativas, desta vez com a participação das cooperativas de leite do Paraná e Rio de Janeiro. O encerramento do Seminário será às 20h, seguindo um coquetel de confraternização.

No dia 19, a partir das 8h, a OCERGS realizará a sua Assembléia Geral, onde elegerá seus

novos dirigentes e discutirá a Reforma Estatutária.

TESES E PROPOSIÇÕES

Até 5 do corrente a OCERGS recebeu das cooperativas filiadas as teses e proposições, sobre assuntos cooperativistas, para serem analisadas durante o Seminário. Estas teses e proposições versam sobre a doutrina cooperativista, legislação, tributação, empresa cooperativa, crédito e aspectos do sistema cooperativo.

COMISSÕES

Com o objetivo de ordenar, por assuntos, as teses e proposições encaminhadas pelas cooperativas à OCERGS, durante o Seminário está prevista a criação de comissões de consumo, produção, prestação de serviço, crédito e habitação. Nestas comissões serão analisadas as teses e proposições que a OCERGS encaminhará para o VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo que se realizará em Fortaleza, nos dias 14 a 17 de setembro deste ano.

CONCURSO

Como parte integrante do próximo Congresso Brasileiro de Cooperativismo, a Organização

das Cooperativas Brasileiras, com a colaboração do INCRA e BNCC, instituiu o I Concurso de Livros e Monografias sobre Temas de Cooperativismo.

Os trabalhos deverão ser inéditos, apresentados em quatro vias, papel ofício, com o mínimo de 100 folhas (todas numeradas); datilografadas apenas numa face (em espaço dois); margem esquerda com três centímetros e demais margens com dois centímetros, sendo que cada via será colocada em uma pasta individual que conste o título da obra e o pseudônimo do autor.

Aos três primeiros colocados serão atribuídos os prêmios de cinquenta, trinta e vinte mil cruzeiros, respectivamente. Além dos prêmios mencionados, a OCB outorgará diploma aos autores premiados.

Os interessados em participar deste concurso poderão solicitar da OCERGS o regulamento geral e a ficha de inscrição. As informações na OCB e entrega dos trabalhos é no seguinte endereço: Setor Comercial Sul, Edifício Baracat, sala 1.202 - CEP 70 000 - Brasília DF.

CCGL OPERARÁ EM IJUÍ

Excelência de localização geográfica em relação a existência de proliferação de minifúndios, melhores condições técnicas e franca conscientização em relação a filosofia do cooperativismo, foram consideradas as causas determinantes para a escolha do município de Ijuí para sediar a primeira usina de transformação da Cooperativa Central

Gaúcha de Lactínios. A decisão foi tomada no último dia 14, em Porto Alegre.

O local da obra já está escolhido. Será nas imediações do entroncamento da BR-285 com a RS-155, a cerca de dois quilômetros da cidade e nas proximidades da escola-fazenda do IMERAB e do Sub-centro de Pesquisas Veterinárias da Secretaria da

Agricultura do Estado.

Em entrevista pelo telefone, que fizemos com o diretor-presidente da CCGL, eng. agr. Frederico Gunnar Dür, disse aquele dirigente que a usina ocupará uma área de três hectares, dos quais, 3.000 metros quadrados se constituirão de área coberta. O investimento será da ordem de 20 milhões de cruzeiros, com

previsão de que até o final do corrente ano esteja em funcionamento industrial. Paralelamente às obras civis da usina, disse Gunnar Dür que a CCGL desenvolverá estudos no sentido de instalar 10 postos de coleta e resfriamento de leite, que se localizarão nos diversos municípios que compreendem a área micro-econômica de Ijuí. Essa região

compreende uma linha imaginária que traçaria um traçado geográfico Irai, Passo Fundo, Santa Maria, descendo em direção oeste até o rio Uruguai.

A previsão de mão-de-obra a ser ocupada na usina da CCGL, já numa primeira fase, é de 100 operários, incluindo o pessoal técnico especializado.

METAS DO BNCC PRÓ COOPERATIVISMO

Aumentar o capital para Cr\$ 405 milhões, prestar assistência creditícia a 390 cooperativas que congregam 380 mil associados, instalar mais 12 Agências no País e criar a carteira de câmbio, são as principais metas previstas para este ano, pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC), em consonância com o I Programa Nacional de Cooperativismo (PRONACOOP). Este programa — que concentra esforços do INCRA, EMBRATER, BNCC e Organização das Cooperativas Brasileiras — deverá investir, até 1979, Cr\$ 606 milhões,

possibilitando um atendimento integral às áreas de educação, pesquisa, assistência técnica, organização e administração, crédito, comercialização, industrialização, zoneamento, integração cooperativista, controle e fiscalização.

A expansão do BNCC é uma das metas do Pronacoop que prevê, até 1979, a ampliação da rede de Agências de 18 para 50, permitindo, dessa forma, uma maior aproximação do Banco com a sua exclusiva clientela: as Cooperativas.

Outra importante atividade

de que continuará recebendo a colaboração do BNCC é o intercâmbio de cooperativas, cuja efetiva troca de experiências estimula as entidades a diversificar suas linhas de atuação. Para 1977, estão programados trinta intercâmbios, mobilizando nove cooperativas de suinocultura, catorze dos Projetos Integrados de Desenvolvimento de Cooperativas e sete de agricultores de baixa renda.

Por outro lado, além de principal agente financeiro para execução da política cooperativista da União, o BNCC dará

prosseguimento aos seus programas de assistência às cooperativas, nos aspectos técnico, administrativo e gerencial. Com vistas ao cumprimento dessas finalidades, por exemplo, o Banco firmou dois convênios que terão vigência este ano: com o Incra, para realizar auditoria em 120 cooperativas do país; e com o Ministério da Agricultura, para assistir tecnicamente a 506 cooperativas que reúnem 500 mil associados.

Paralelamente a execução de suas atividades — e mediante um trabalho de cunho meramente educativo — o BNCC incenti-

vará as Cooperativas, no sentido de que estas se organizem como empresas modernas e dinâmicas, valendo-se para isso da contratação de elementos capazes e serviços especializados.

Ao defender esse ponto de vista o Banco — que conta com a participação das Cooperativas em 46% de seu capital, sendo os demais 54% do Governo Federal — pretende o fortalecimento do sistema cooperativista nacional e, em consequência, tornamos mais compensadores ao grande contingente de cooperados.

COOPERMALTE CRIADA EM CARAZINHO

Segundo destacou em manchete de primeira página o jornal "O Interior", de Carazinho, foi criada naquela cidade a Cooperativa Central Gaúcha da Cevada e do Malte (COOPERMALTE). Constituída por um total de 13 cooperativas produtoras da região, a nova Central montará uma grande indústria que exigirá um investimento já orçado em 220 milhões de cruzeiros.

Segundo ressalta o jornal

carazinhense, a COOPERMALTE representa uma resposta das classes produtoras vinculadas ao cooperativismo aos apelos do Governo no sentido de reduzir ao máximo as importações. A COOPERMALTE terá papel significativo nessa luta de economia para o País, pois quando a Central atingir seu pleno funcionamento será responsável por uma redução de 15 milhões de dólares só na importação de malte, por ano.

A Cooperativa Central da Cevada e do Malte é a primeira do gênero no País. Vai beneficiar cerca de 50 mil agricultores, já associados através das seguintes cooperativas. Agrícola Mista General Osório, de Ibirubá; Tritícola de Santa Bárbara do Sul, Mista Charrua, de Tapejara; Tritícola de Sananduva; Tritícola de Erechim, Tritícola de Getúlio Vargas, Tritícola de Passo Fundo, Tritícola de Carazinho, Tritícola Palmeirense, Mista Alto Jacuí, de

Campo Real; Tritícola Taperense Tritícola de Campos Borges e Agrícola de Soledade.

A sede da COOPERMALTE é em Carazinho e sua diretoria ficou assim constituída: presidente, Irmfried Schmiedt (da COTRIJAL); 1º vice-presidente, Armando Rezende (Passo Fundo) e 2º vice-presidente, Ernesto Amaral (Erechim). O conselho: Romeu Kloeckner (Tapera); Otávio Stavinski (Getúlio Vargas); Alexis Setti (Carazinho) e Altino

Ruschel (Ibirubá).

Na suplência ficaram Egídio Pederiva (Soledade); Jorge Costa Melo (Palmeira das Missões); Hilário Turra (Campos Borges) e Otaviano F. de Oliveira (Santa Barbara do Sul).

Conselho fiscal: Amândio de Alcântara (Tapera); Mario Tiffili (Tapejara) e Adelar da Cunha (Campo Real). Ficaram na suplência Luiz Antonioli (Sananduva); Paulo Camino (Carazinho) e Ireneu Orth (Tapera).

COBAL QUER VAREJISTAS UNIDOS

Declaração feita em Salvador em fins de janeiro pelo presidente da Companhia Brasileira de Alimentação, sr. Mário Vilela, aconselha "os pequenos comer-

ciantes varejistas integrados no sistema cooperativo, caso desejem sobreviver no comércio".

Para o presidente da COBAL, os pequenos varejistas que

persistirem sós estão fadados a enfrentar sérios problemas econômicos, possivelmente até irreversíveis. Segundo ele, os "pequenos varejistas deverão insti-

tuir o sistema cooperativista, adotando um processo de compra solidário junto aos atacadistas dos produtos que revendem", única forma que considera viável

para que não insida em demasia sobre o custo final destes produtos o recolhimento de dois cruzeiros por litro de gasolina adquirido.

PROTEÇÃO PARA "BÓIAS FRIAS"

Com o objetivo de eliminar os intermediários entre os proprietários rurais e os 400 mil trabalhadores volantes de São Paulo, os chamados "bóias frias", e de propiciar a estes os benefícios da legislação trabalhista, o Ministério do Trabalho e o Governo estadual firmaram convê-

nio em janeiro, para a criação de 12 cooperativas de trabalho no Estado bandeirante.

Nessa experiência-piloto, a Secretaria do Trabalho paulista criará, no prazo de 90 dias, 12 cooperativas em diferentes regiões do Estado, congregando inicialmente 100 mil trabalhado-

res volantes em áreas que abrangem todos os tipos de cultura agrícola.

O convênio prevê a aplicação inicial de 5 milhões e 800 mil cruzeiros, para a promoção dessa primeira fase do programa. Segundo o secretário do Trabalho, sr. Jorge Maluly Neto, as

cooperativas serão constituídas e dirigidas pelos trabalhadores, e a ação oficial será apenas de apoio e assistência.

A planificação do programa nesta fase é para a formação de cooperativas de trabalho. Mas no futuro elas se expandirão para outros setores, como coopera-

tivas de consumo, habitacionais, de transporte e até de produção, através da aquisição de áreas agrícolas para a exploração direta pelos trabalhadores cooperados sem dúvida, parece generalizar-se no país uma conscientização para a evolução do cooperativismo, como solução para muitos problemas brasileiros.

CUIDADO! SAIBA USAR OS DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

A revista editada pela FECOTRIGO, "Agricultura & Cooperativismo", fez circular com sua edição nº 9 (janeiro), um encarte sobre o uso adequado de defensivos agrícolas. Trata-se de folheto ilustrado e impresso a cores, contendo leitura fácil e atraente, entrando em detalhes de orientação ao agricultor para que evite a contaminação pessoal por resíduos de veneno.

Na apresentação do trabalho, em mensagem "Ao agricultor", diz o folheto que "todos sabemos o quanto os venenos fazem falta para uma boa produção. Mas sabemos também o quanto estes venenos são perigosos: na época da aplicação os jornais e as rádios se enchem de notícias que contam a morte dos peixes, dos bichos e dos homens".

O primeiro passo para conseguir boa produção é fazer uso dos defensivos adequadamente. Qualquer dúvida, consulte os técnicos. Eles além de orientar quanto aos venenos mais adequados a cada caso, ainda ensinam a melhor maneira de aplicação. Existem venenos muito violentos. Apesar de proibidos nos Estados Unidos e na Europa, infelizmente continuam sendo vendidos no Brasil. Mas os técnicos sabem quais são esses venenos.

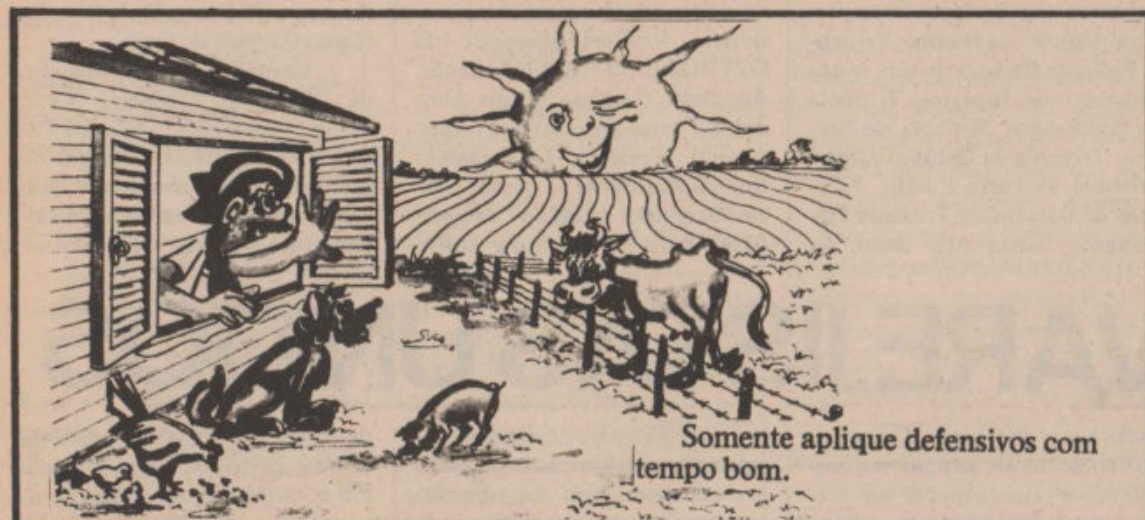
Publicamos alguns quadrinhos de orientação sobre aplicação de venenos, tirados do folheto editado pela FECOTRIGO e Coordenadoria de Controle do Equilíbrio Ecológico da Secretaria da Agricultura.



Defensivos agrícolas são produtos químicos usados para proteger as culturas contra pragas e doenças. Muitas vezes, entretanto, estes defensivos são tóxicos ao homem, animais e plantas. Antes de adquirir e aplicar qualquer defensivo, consulte um técnico. Ele saberá auxiliá-lo na escolha do mais econômico e eficaz.



Não use inseticidas clorados em pastagens naturais ou cultivadas. Estes inseticidas, tais como DDT., BHC., Clordane, Dieldrin, Aldrin, etc., mesmo quando usados em pequenas doses, acumulam-se no organismo dos animais.



Somente aplique defensivos com tempo bom.

Durante o tratamento da lavoura, retire os animais dos poteiros vizinhos. Não permita que eles comam pasto ou forragem com restos de defensivos.



Não contamine as águas lavando máquinas e utensílios que foram usados nos tratamentos, porque este equipamento contém restos de defensivos.



Em locais que vão receber ou já receberam tratamento com defensivos, não devem permanecer crianças ou animais. Para maior segurança, afaste-os das proximidades.



Para desentupir bicos ou mangueiras nunca use a boca. O defensivo sempre é venenoso e prejudicará sua saúde.

CIPA E SEGURANÇA

Desde sua instalação em 1975, a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) vem se constituindo no elemento fundamental do aumento operacional nas diversas áreas de ocupação da mão-de-obra na cooperativa.

Uma estatística sobre a incidência de horas perdidas motivadas por acidentes no trabalho, mostra que a CIPA reduziu praticamente a zero os índices de acidentes, considerados os números de 1974, quando ela ainda não operava e os anos seguintes, já com sua atuação. Vejamos os números:

Em 1974, operando com um número de homens com soma de 967.200 horas de trabalho, perdeu-se 17.944 horas por acidentes. Já no ano seguinte, com a CIPA instituída e com trabalhos de orientação educativa, o quadro demonstrado foi o seguinte: 1.455.336 homens/hora/trabalho, tivemos 11.808 horas perdidas por acidentes. Quer dizer: mais 500 mil horas trabalho, em relação ao ano precedente, com 34,2% a menos de acidentes.

E em 1976: O total de horas/trabalho duplicou em relação ao ano precedente, passando para 2.313.125, mas as horas perdidas por acidentes reduziram-se para 9.696, acusando um percentual a menos de 45,9%.

CRESCIMENTO DA AVIAÇÃO AGRÍCOLA NO MUNDO

O uso de aviões para a aplicação de preventivos agrícolas e fertilizantes tem-se expandido de maneira constante nos últimos anos, em todo o mundo. Pesquisa feita por Norman B. Akeson e Wesley E. Yates, catedráticos de engenharia agrícola da Universidade da Califórnia e publicada na "Weeds Today, Magazine Winter/1976", demonstra que durante o período de 1960-1975 (15 anos), foi registrado "assombroso aumento de hectares mundiais submetidos aos diversos tratamentos efetuados por avião". Esses diversos tratamentos na agricultura e silvicultura tiveram o efeito de controlar insetos, combater fungos e microorganismos negativos, destruir inços e

promover a fertilização.

O uso de aviões e helicópteros agrícolas nos Estados Unidos, segundo a pesquisa daqueles técnicos, tem sido mais lenta que nos países onde a agricultura vem-se desenvolvendo nos últimos anos. Mas mesmo assim, a superfície tratada por meios aéreos nos Estados Unidos subiu de 14 milhões de hectares em 1950 para 49 milhões de hectares em 1973. O número de aeronaves agrícolas registradas nos Estados Unidos, que em 1950 era de 4.500, aumentou para 6.300 em 1975. Na Califórnia e no Texas concentram-se cerca de 40 por cento do total de aeronaves agrícolas existentes no País.

Na América Latina e Espa-

nha, esse tipo de atividade tem crescido substancialmente, estimando-se que hoje entre 3.500 e 4.000 aparelhos estão a serviço da agricultura.

A Espanha, o Brasil, o México, e a Argentina mantêm os maiores totais em relação a região referida. Quanto aos países da América Central estes podem somar cerca de 1.000 aparelhos voadores destinados à agricultura.

Conquanto não se tenha conhecimento da provável expansão do uso da aviação agrícola nos países socialistas possuidores de extensas áreas agrícolas, é de admitir-se que o grosso dessa atividade esteja concentrado nas Américas.



O helicóptero tem excepcional eficiência em aplicação na agricultura.

A NECESSIDADE DE AUMENTAR AS TÉCNICAS DE APLICAÇÃO

Se de um lado tem havido constante crescimento do setor em relação ao número de aviões no espaço, a própria tecnologia aplicada, que de sua vez é o atestado da eficácia do trabalho, também tem evoluído no mundo.

Recente estudo desses avanços técnicos foi publicado na edição de dezembro da revista "Agricultura de las Américas", onde pode-se constatar que principalmente em matéria de aplica-

dores de defensivos, o progresso tem sido muito amplo. Lamentavelmente, e talvez porque interesses financeiros muito grandes girem em torno do setor, praticamente não há intercâmbio de troca de experiências nessa atividade.

É sabido que a fabricação de defensivos agrícolas está concentrada nas mãos de grupos multinacionais, que controlam interesses gigantescos. Possivelmente seja esta a causa do silên-

cio que gira em seu redor. Em face dessa realidade, faz-se necessário que cada país agrícola consiente da importância desse setor de atividade no aumento de sua respectiva produção, procure desenvolver técnicas melhor adaptadas às condições locais.

A COTRIJUI, ao prestigiar a vinda e fixação no Brasil do técnico Nestor Diaz Quijano, com larga experiência desenvolvida em diversos países, se constituiu na primeira organização na-

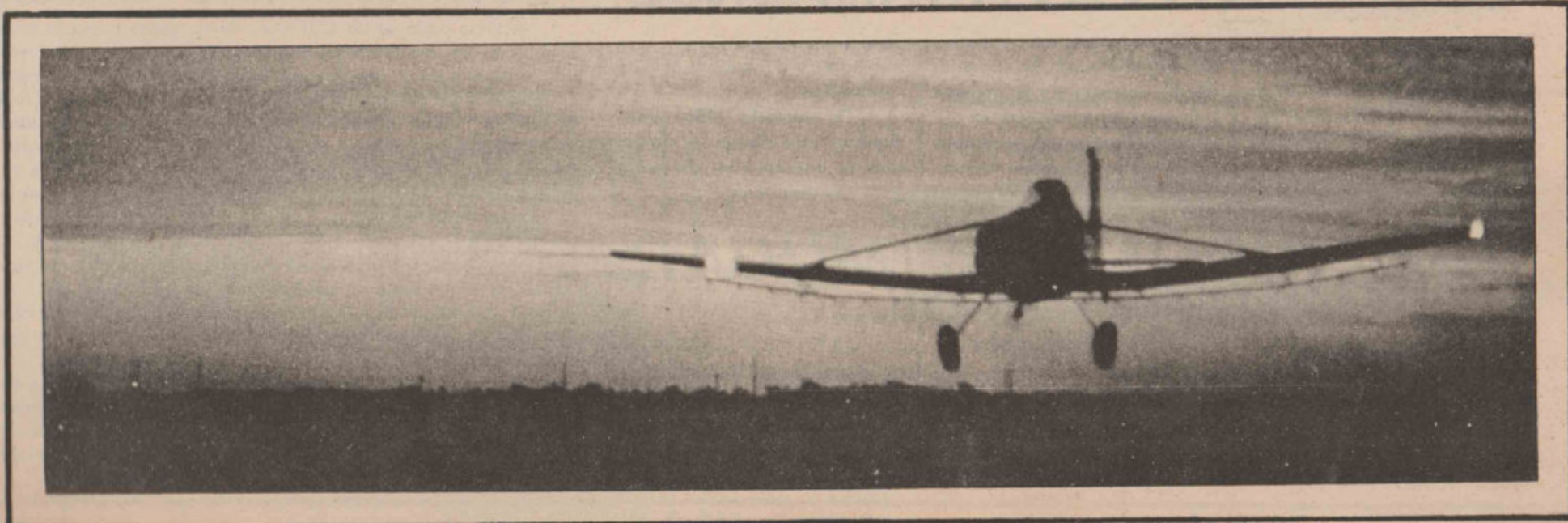
cional a encarar a aviação agrícola como uma necessidade imprescindível ao aumento da produtividade agrária. Aliás, essa realidade foi oficializada pelo Banco do Brasil, ao considerar a pulverização aérea como "insumo moderno".

Na edição nº 38 do COTRIJORNAL, que circulou em janeiro, publicamos reportagem demonstrando a evolução do uso da aviação agrícola em nossa região, graças a Aero-Agrícola Co-

trijui, que desenvolve processo de unificação geográfica das pequenas lavouras para tornar economicamente viável o processo.

A Aéro-Agrícola Cotrijui defende também a adoção da aviação aérea noturna, processo já vulgarizado nos países onde a aviação agrícola é mais adiantada. Com esse objetivo, e sob licença do Ministério da Aeronáutica, realizou duas demonstrações no ano de 1973.

Nos Estados Unidos a pulverização noturna tem grande aplicação. Suas principais vantagens sobre a aplicação diurna podem ser enumeradas: menor gasto de produto, proteção à vida animal, maior efeito sobre as pragas, maior segurança de voo, etc.



COMANDO MILITAR DA REGIÃO NA COTRIJUI

Oficiais militares sediados na região, servindo na área do 1º Grupamento de Fronteira, com sede em Santo Ângelo, que obedece ao comando do general Arídio Martins de Magalhães, estiveram a 1º de fevereiro em visita a COTRIJUI, acompanhados por aquela alta patente do Exército Brasileiro.

A oficialidade, que representava além da unidade-comando de Santo Ângelo, as sub-unidades de Ijuí, Passo Fundo e Santa Rosa, teve oportunidade de ouvir palestra proferida no auditório da sede pelo diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, que abordou com o auxílio de gráficos e audio-

visuais a infra-estrutura da cooperativa em seus diversos ângulos de prestação de serviço.

Ao final da palestra do diretor-presidente fez uso da palavra o general Arídio Martins de Magalhães, dizendo que cada vez admirava mais o dirigente da cooperativa em face de sua atuação dinâmica em prol do cooperativismo e do desenvolvimento econômico em geral, ressaltando que é de empresários dessa visão e desse dinamismo, que o país necessita para o seu desenvolvimento.

Às 13 horas, após haver sido percorrida a totalidade das instalações da sede,

inclusive o Centro de Processamento de Dados que se localiza nos segundo e terceiro andares da sede antiga, à rua José Hickembick, os ilustres visitantes participaram de um almoço simples no restaurante da cooperativa, servido no sistema auto-serviço, juntamente com diretores e assessores da cooperativa.

Ao despedir-se, o general Arídio Martins de Magalhães passou às mãos de Ruben Ilgenfritz da Silva uma placa de prata alusiva à visita feita à COTRIJUI, dizendo que a homenagem, apesar de singela, representava o muito de sua admiração pelo dirigente cooperativista.



Ruben Ilgenfritz da Silva agradece a distinção recebida em nome da diretoria da cooperativa.

PRESIDENTE DO BANCO AGRÍCOLA DA FRANÇA

O presidente da Caixa Nacional de Crédito Agrícola da França (que tem "status" de vice-ministro), Jacques Lallement, esteve por dois dias no Estado, 15 e 16, oportunidade em que visitou a COTRIJUI.

O vice-ministro francês, que veio acompanhado pelos senhores Serge Robert e M. Chartrin, diretor para assuntos internacionais e diretor para assuntos da América Latina, além de assessores, atendeu convite feito pelo ministro da Agricultura, sr. Alysso Paulinelli. Aqui, declarou que numa visita ao Brasil, tinha que incluir a COTRIJUI.

O vice-ministro Jacques Lallement e comitiva que vieram acompanhados desde Porto Alegre pelos diretores do BANRISUL e BADESUL, Oscar Brum e Oscar Luis Osório Reinghantz, respectivamente, foram recepcionados no aeroporto municipal pelo vice-presidente Arnaldo Oscar Drews e assessores, seguindo diretamente para a sede da cooperativa, onde ouviram palestra proferida pelo referido dirigente, relacionada com a infra-estrutura da cooperativa. Após a palestra, Arnaldo Oscar Drews respondeu perguntas do sr. Jacques Lallement e seus assessores. A maior

parte das perguntas versaram sobre legislação fiscal tributável às cooperativas.

Após a palestra, realizada no auditório, foi feita visita aos diversos departamentos da sede, incluindo-se administração, escritórios, super-mercado, loja e setorial de armazens. Após a visita feita a COTRIJUI, no dia 16 o sr. Jacques Lallement esteve em Julio de Castilhos, onde visitou a Cooperativa Castilhense de Carnes e uma cabanha de criadores de gado charolês. Os visitantes, na companhia do vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews, numa ala do super-mercado.



COOPERATIVA PARANAENSE

Dois cooperativistas paranaenses, os srs. Umberto Ozair Seramim e Milton Tavares Paes, este último, médico, estiveram em visita a COTRIJUI a 9 de fevereiro. Eles pertencem ao qua-

dro administrativo da Cooperativa de Cafeicultores de Maringá e vieram com a finalidade de observar nosso sistema de atendimento na área da saúde. Consta também da agenda de interes-

se uma visita à fábrica de óleo da cooperativa.

Os visitantes foram recepcionados pelo diretor de Operações, sr. Euclides Casagrandes e assessores da Administração.

BAMERINDUS VAI MUDAR

O Banco Bamerindus do Brasil, que tem agência em Ijuí à rua Benjamin Constant, 593, vai mudar para a rua Floriano Peixoto, no local onde está instalada a loja Tecidos Braun. A informação foi prestada pelo ge-

rente da 13a. Regional, sr. José Vergílio Bruno, que esteve em Ijuí no último dia 18.

Aquele alto funcionário do Bamerindus veio especialmente para assinar a escritura do prédio, que será sede própria, e se

instalará no novo local tão pronto a loja Tecidos Braun mude para novo endereço. O sr. José Vergílio Bruno, acompanhado pelo gerente local, sr. Marino Gentil Filippin, esteve em visita a COTRIJUI

AÇÃO JUVENIL A FAVOR DA NATUREZA

A linha editorial do COTRIJORNAL, desde a criação deste órgão tem sido em defesa do ambiente natural. Seja com entrevistas, ou chamando a atenção para fatos atentatórios à preservação do meio em que vivemos. Na edição de janeiro falamos do "Clube da Piaçada", grupo de meninos disposto a encontrar muitos adeptos de costumes que preservem flora e fauna. Depois deles surgiu o Clube Ijuense de Proteção ao Ambiente Natural constituído de meninos do centro e bairros da cidade igualmente preocupados em fazer desaparecer a figura do guri com bodoque ou arma de pressão.

Visitante a redação do COTRIJORNAL, os associados do CIPAN, com idades variando entre 10 e 15 anos, mostraram conhecimentos estatísticos relacionados com fatos alarmantes, que cada vez mais distanciam a indivíduo de condições humanitárias de vida. E muitas das vezes o fator comprometedor está diretamente ligado a intervenção do homem, adulto frisaram os protectionistas.

Assim, sem gastos em campanhas, os pequenos vão, dia a dia, através de conversas, em entrevistas ou exposições nas escolas, clamando a futura geração a respeitar-se a si própria, a partir de um reconhecimento pelo valor inestimável da conservação e recuperação do meio-ambiente.

NADA MAIS SOBERBO



Em nossa edição anterior, graças a um catálogo do "Marstallmuseum", de Munique, publicamos foto de uma carruagem construída no começo do século XIX. Voltamos com outra foto desse fabuloso museu que por si, pelo seu fausto e luxo, retrata uma época gloriosa para os Estados Prussianos. No gênero, nada mais soberbo e luxuriante do que o carro da foto, que pertenceu a Ludwigs II.

NADA MAIS BÁRBARO

Dentre os costumes ainda vigentes na Europa, o mórbido prazer das touradas parece se constituir no mais bárbaro, inútil e revoltante de quantos hábitos persistem nos gostos do povo. A Espanha é a detentora desse título de barbarismo, cuja prática atual e renovada coloca seu povo na categoria dos gostos tão primitivos quanto o do menos ilustrado habitante da África medieval.



SANFONA DE OITO BAIXOS

Gaita de fole, "acordeona", ou sanfona de oito baixos, foi instrumento participante da vida brasileira, principalmente nas imensas regiões do interior, desde o descobrimento . . . Gaiteiro bom era sempre bem recebido onde quer que andasse. Mensageiros da alegria no passado, eles hoje estão restritos a umas poucas regiões mais afastadas, principalmente do nordeste brasileiro. Não há dúvida que se não o é mais, foi um elemento altamente participante dos usos e costumes brasileiro.



HÁBITOS ALIMENTARES NO MUNDO

O brasileiro tem o hábito de alimentar-se bem? A resposta é não! E qual é o povo que se alimenta bem? Pois, a questão não é fácil de ser respondida.

Há cerca de dez anos foi desenvolvida uma campanha na República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) visando o aprimoramento do hábito alimentar. Encomendado e patrocinado pelo Ministério da Alimentação da RFA, foram usadas frases e figuras de efeito mais ou menos no estilo do que se fez no Brasil em relação a higiene, com o "Sujismundo".

Os alemães criaram o Dr. Fu, que simbolizava a alimentação errada, enquanto Badman Zym, um herói espécie de "super-homem" promoveu luta sem tréguas contra o "malvado" Dr. Fu. A original campanha foi desenvolvida na base de bonecos engraçados, quando foram colocadas à disposição das donas-de-casa 10 milhões de bolsas de papel em todas as lojas de alimentos. Em complemento à campanha, até ônibus percorreram as províncias com quadros de Badman Zym e Dr. Fu, em grandes dimensões. Na foto, "Copyright by Dienst aus Deutschland", de Hamburgo, uma jovem dona-de-casa exhibe uma bolsa da campanha.



POSICIONAMENTO DA INGLATERRA NO CAPITALISMO

O autor, Cândido Grzybowski, está há cerca de dois anos na França (Universidade de Paris), cursando Tese de Doutorado em Sociologia do Desenvolvimento. O artigo a seguir, escrito com exclusividade para o COTRIJORNAL, é o primeiro de uma série prometida para este jornal.

Cândido Grzybowski é gaúcho, natural de Erechim. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Ciências e Letras de Ijuí, em 1968, cursou pós-graduação para Mestrado em Educação na PUC do Rio de Janeiro, em 1969. Ali defendeu tese sobre Sistema de Educação de Base na região noroeste do Estado em 1971, obtendo grau máximo.

Foi professor da cadeira de Realidade Educacional Brasileira e de Metodologia de Pesquisa, na FIDENE. Estagiário na Assessoria de Planejamento da PUC-RJ em 1969 e professor de Sociologia na Fundação Getúlio Vargas. Realizou, ainda, estudos sobre Integração do Imigrante Polonês no RS, apresentando à Superintendência do Milênio Polonês e Universidade do Paraná, em 1966 e estudos da População de Ijuí, em 1970.

Entre os países industriais desenvolvidos, a Grã-Bretanha apresenta hoje uma situação particularmente crítica. No ano de 1976, o seu crescimento estimado foi de 1,5% e a inflação atingiu os 15%. A isto se deve acrescentar mais 30% de desvalorização da libra esterlina em um ano, moeda que até a II Guerra Mundial era a base das transações comerciais e financeiras entre os países.

Estes índices devem ser vistos, evidentemente, dentro do quadro geral da crise que, depois de 1973, se abate sobre a economia mundial capitalista. Na Grã-Bretanha, porém, esta crise é mais intensa. A crise conjuntural soma-se a um longo processo em que a economia britânica perdeu em capacidade de crescimento e em competitividade frente ao bloco das economias ocidentais desenvolvidas. O problema da Grã-Bretanha é de ordem estrutural e está intimamente ligado a evolução da produção e das relações dentro do sistema mundial capitalista. As suas origens devem ser buscadas bem antes da I Guerra Mundial.

A análise histórica da economia britânica, o seu papel na constituição do sistema mundial capitalista, a sua deterioração lenta e contínua, são fundamentais para a compreensão da atual economia mundial. Semelhante análise foge, porém, do nosso objetivo. Queremos simplesmente apresentar alguns indicadores gerais que nos permitam visualizar

a situação específica da Grã-Bretanha na evolução dessa economia.

Em fins de 1976, o país contava com uma população de 56.100.000 habitantes, sendo que só Londres, a capital, concentravam 14% do total (8.000.000 hab). Tem uma superfície de 244.030 km², menor do que o Rio Grande do Sul, portanto. As suas colônias hoje são apenas relíquias do enorme império colonial do início do século.

Em 1914 as colônias somavam mais de 33 milhões de km², com aproximadamente 400 milhões de habitantes. Hoje elas não atingem 109 mil km² e 5 milhões de habitantes. Com uma renda "per capita" próxima a

US\$ 4.100, os britânicos se alinham entre os povos mais ricos do mundo. Em termos relativos, porém, as perspectivas entre os povos mais ricos do mundo. Em termos relativos, porém, as perspectivas da Grã-Bretanha não são as melhores. Para quem já foi a maior metrópole colonial, a dona da maior frota mercante do mundo, o centro financeiro mundial, a situação atual é alarmante.

Vejamos de perto o problema. Desde o fim da II Guerra Mundial, enquanto os países industriais desenvolvidos apresentaram taxas médias anuais de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) acima de 4%, a Grã-Bretanha cresceu somente 2,8% ao ano.

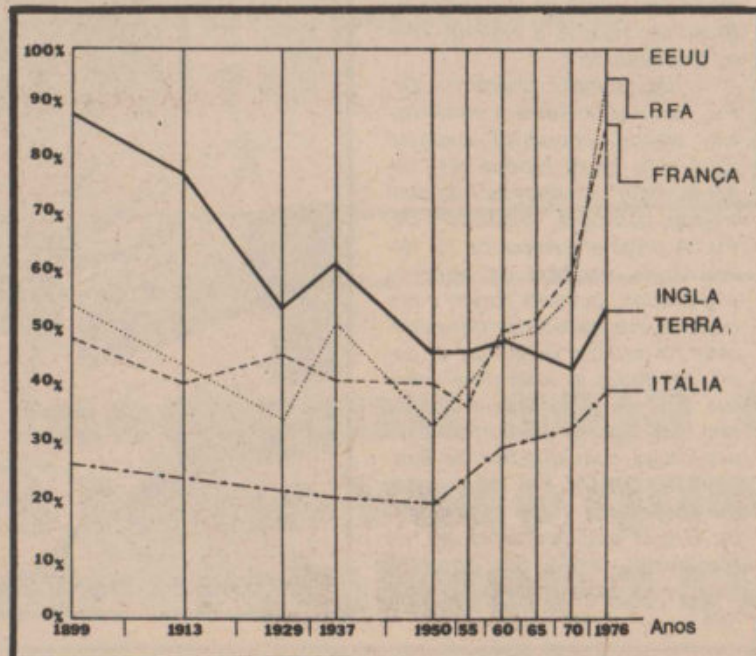


Tabela 1: Crescimento tendencial da produção de 1955 a 1968.

Países	PIB (média anual)
Canadá	4,5
Estados Unidos	4,0
Japão	10,2
França	5,7
Alemanha Federal	5,1
Itália	5,5
Grã-Bretanha	2,8

Fonte: OCDE. La croissance de la production 1960-1980 Paris, 1970.

Nos anos que se seguiram a 1968, até a recente crise, a taxa de crescimento do PIB não se alterou. A tendência de um crescimento relativo menor da Grã-Bretanha em relação aos outros países industriais desenvolvidos se manifesta de longa data. O gráfico tomado do The Hudson

Report (The United Kingdom in 1980, London 1974), com base na renda "per capita", permite ver como se deteriora a economia britânica.

Não só em relação aos Estados Unidos, mas em relação a todos os países considerados, a Grã-Bretanha mostra uma tendência no sentido de uma deterioração gradativa. Isto se deve sobretudo às características estruturais de sua economia. Em 1968, segundo o OCDE, 46,8% do PIB da Grã-Bretanha era gerado por seu setor industrial, contra 3,1% da agricultura e 50,1% dos serviços (ver tabela 2). Entre 1955 e 1968 a sua produção industrial cresceu 3,1% ao ano, a menor taxa entre os países industriais desenvolvidos.

Tabela 2: Composição do PIB da Grã-Bretanha - 1953/1969 (em percentagens)

Setores	Ano		
	1953	1958	1968
Agricultura	5	4	3
Indústria	47	47	47
Transp. e Com.	20	20	19
Outras ativ.	28	29	31

Tonte: OCDE

Estes dados, porém, não são suficientes para revelar a verdadeira natureza do processo que envolve a Grã-Bretanha. Foi em seu interior que, em fins do século XVIII, se iniciou a Revolução Industrial e se constituiu a grande indústria capitalista. A utilização de máquinas, especialmente na produção de tecidos, transformou a estrutura econômica britânica e lhe deu bases para assegurar uma soberania incontestável no comércio internacional durante todo o século XIX. Em 1870 a Grã-Bretanha produzia 1/3 dos bens manufaturados do mundo.

Em função dos interesses da economia britânica, através de amplas relações comerciais, conquistas e colonização de povos inteiros, o sistema capitalista abrangeu o mundo inteiro e se estabeleceu uma grande divisão internacional do trabalho. De um lado a Grã-Bretanha passou a abastecer o mundo em produtos manufaturados, que suas indústrias produziam em quantidades crescentes. De outro lado os países subdesenvolvidos - como o Brasil, produtor de café, cacau, açúcar, etc -, passaram a produzir alimentos e matérias-primas em troca dos bens industriais britânicos. Esta divisão não só deu origem, em seu desdobramento posterior, a um pequeno bloco de economias capitalistas desenvolvidas e um grande bloco de economias subdesenvolvidas, mas também determinou as condições de evolução posterior da própria Grã-Bretanha. A sua dependência em relação a economia mundial se manifestou na

importância dos mercados externos para os seus produtos industriais e na grande importação de alimentos e matérias-primas.

A base da economia industrial britânica, porém, era fraca. Em 1870, em seu apogeu, 4/5 das exportações eram constituídas por tecidos e ferro (P.R. Skupch. "El deterioro y fin de la hegemonia británica sobre la economia argentina, 1914-1947" in: Estudios sobre los origenes del peronismo. Buenos Aires, siglo XXI, 1973. p. 6). Mas a revolução econômica que surgiu no seu interior tomou conta de outros países e logo a concorrência se fez sentir forte sobre a economia britânica. Se em 1820, 60,4% das exportações de tecidos de algodão da Grã-Bretanha iam para a Europa e Estados Unidos, em 1900 estes mercados absorviam somente 7,1%. Neste último ano os países subdesenvolvidos absorviam 86,3% do tecido inglês. (E. J. Hobsbawn. Industry and empire. London, 1969, p. 146). São as colônias que em grande parte asseguram o mercado para os produtos britânicos, enquanto cresciam rapidamente as economias rivais, especialmente os Estados Unidos. Ao invés de modernizar a estrutura produtiva interna, os capitalistas britânicos do fim do século passado e início deste, preferiram reforçar a sua dominação sobre as suas colônias e os países subdesenvolvidos em geral. É a fase da história contemporânea em que a hegemonia na economia capitalista mundial tinha a forma do Pacto Colonial.

Um outro elemento não menos importante na evolução da economia britânica foi a exportação de capitais, que investidos ou emprestados e outros países não só se constituíram em fonte segura de rendas, mas também asseguravam os mercados externos. Entre 1870 e 1914, as inversões da Grã-Bretanha no exterior cresceram de 700 milhões de libras para 4.000 milhões. Além disso, possuindo a maior frota mercante, este país obtinha importante renda por conta de fretes e seguros. Mesmo com uma balança comercial negativa e uma indústria cada vez menos competitiva, os juros, os lucros e os fretes davam grande liquidez à sua economia. A Grã-Bretanha mantinha a sua hegemonia sobre a economia mundial por conta de sua ação imperialista.

Esta hegemonia entra, porém, em processo de deterioração. O rápido crescimento de outras economias capitalistas e sua expansão imperialista defrontou-se com a Grã-Bretanha. Para o desenvolvimento dessas economias era necessário re-dividir o mundo, segundo a força econômica de cada país. É o sistema de relações mundiais que se redefine. As duas grandes guerras (1914-18 e 1939-45) foi o custo desta redefinição para a humanidade. Mas houve também a grande crise do capitalismo de 1929-33. O grande vencedor foi quem menos sofreu com as guerras e quem tinha a melhor base econômica: os Estados Unidos da América. As guerras e as crises, portanto, não só enfraqueceram a capacidade de produção interna da Grã-Bretanha, mas foram também as condições necessárias para o fim da sua hegemonia sobre o sistema mundial capitalista e se constituíram na base tanto para a hegemonia dos Estados Unidos como para o rápido crescimento do grupo dos países industriais desenvolvidos.

Isto tudo se manifestou num desenvolvimento mais acelerado de novos ramos industriais nos outros países. A Grã-Bretanha, apesar de controlar o sistema e sua moeda ser a base das transações internacionais, continuava com uma produção industrial de tipo tradicional. Na década de 1920, 42,1% das exportações britânicas eram de tipo tradi-

cional, de menor crescimento de demanda mundial, e só 4,3% faziam parte da classe de bens de maior demanda (máquinas, sobretudo). (Dados de Skupch, op. cit. P. 10-11). Ao mesmo tempo, Nova Iorque suplantou Londres como centro financeiro internacional. Os acordos que dão origem ao Banco Mundial no fim da última guerra, impõem o dólar como moeda internacional.

Enfim, é no quadro de um longo processo histórico que é necessário situar a Grã-Bretanha para compreender a sua atual situação.

Mais que qualquer outro país, ele revela em si mesmo como evolui a economia mundial e a natureza do processo que o anima. Gerando o modo de produção capitalista e o sistema mundial capitalista, a Grã-Bretanha hoje está sendo incapaz de superar as próprias contradições que criou. Foi a capacidade competitiva de suas indústrias têxteis que assegurou para a Grã-Bretanha uma hegemonia incontestada no mundo durante todo o século passado. E a concorrência que lhe fazem hoje os produtos das economias mais evoluídas e hegemônicas que retardam o seu processo de crescimento econômico.

A dependência em relação ao exterior marcou sempre a economia britânica. A crise do petróleo revelou um dos aspectos desta dependência. Grandes investimentos na exploração do Mar do Norte fazem prever uma produção de petróleo em torno das necessidades internas a partir de 1980.

Mas a dependência britânica se revela em outros aspectos. Segundo o OCDE, entre 1955 e 1968, as exportações deste país cresceram à taxa média anual de 4,8%, enquanto que as importações a 5,2%. Acumula-se anualmente um déficit na balança comercial. No ano de 1976, este déficit atingiu US \$ 6.850 milhões. Boa parte deste déficit se deve a importação de alimentos, de que a Grã-Bretanha foi sempre um dependente do mercado externo. Em 1972, 18,8% das importações eram de alimentos industriais, mas superior em 7,7% ao petróleo.

A entrada no Mercado Comum Europeu, em 1973, do ponto de vista de aquisição de alimentos, está revelando-se altamente vantagio-

so para a Grã-Bretanha. Os acordos entre os países membros com respeito a produção agrícola (os maiores avanços do Mercado Comum Europeu foram nesta área) favorecem os britânicos que tem a agricultura relativamente mais fraca. Em 1971, 42,4% do trigo, 21,5% da carne de gado, 30,9% da carne de porco e 85% da manteiga necessários ao consumo interno foram importados pela Grã-Bretanha.

Todos estes dados e as tendências acima apontadas são apenas alguns sintomas do que realmente se passa com a economia britânica. A crise mundial atual permite examinar melhor o caso da Grã-Bretanha e ao mesmo tempo ilustra o papel que num futuro próximo lhe está sendo reservado. Como é no conjunto das relações do sistema capitalista mundial que é necessário pensar, é evidente que a Grã-Bretanha, vindo de um longo processo de deterioração, não pode aspirar a concorrer com a Alemanha e Japão, os dois sob a tutela dos interesses americanos. Desenha-se na fase atual esta triplíce aliança e seus sinais já estão repercutindo em todo o sistema capitalista. Com base na capacidade de produção e de concorrência, trata-se de eliminar rivais, assegurar mercados e fazer com que as relações dentro do sistema capitalista canalizem para essas três economias a parte de leão da produção



"National Westminster Bank" - o tradicional Banco da Inglaterra. Em suas linhas sóbrias a memória visual de um predomínio mundial inglês que durou dois séculos (foto de Lourdes Grzybowski).

mundial. Mas não é só isto que garante a hegemonia dos Estados Unidos e seu grande aliado europeu, Alemanha, e seu imbatível aliado asiático, o Japão. Dentro da estratégia imperialista atual, uma arma se está revelando particularmente adequada para acalmar resistências. Esta arma é a produção alimentar (J. Collins. "La CIA et. l'arme

alimentaire". Le Monde Diplomatique, set. 1975, pág. 13). A dependência da Grã-Bretanha em relação ao exterior quanto a rações e alimentos é um fator a mais a pesar na sua difícil situação. Enfim, tudo leva a prever um papel ainda inferior a esta ex-metrópole colonial e imperialista na evolução reservada para a economia mundial.



Uma vista parcial da "Regent Street", centro comercial de Londres. Esta cidade, que com a periferia se alastra por 180 km², mantém-se funcional e majestosa ao mesmo tempo (foto de Lourdes Grzybowski).

COOPERATIVISMO ESCOLAR É UM BOM INVESTIMENTO

Será válido o investimento na juventude escolar através da disseminação de conhecimentos à base da cooperação? Mesmo que seus frutos só possam ser colhidos a médio ou longo prazo será lícito esperar bons resultados? Há semelhança entre a escola e o cooperativismo? Essas perguntas e muitas outras foram respondidas pelo professor Lauro da Silva Becker, mestre de didática e prática de ensino na Universidade Federal do Paraná e professor de comunicação, dinâmica de grupo e cooperativismo escolar da ASSOCEP, em artigo especial escrito para o jornal "Coopervale", editado em Palotina, no estado do Paraná.

Consideramos muito importante o artigo do professor Silva Becker. Em face disso, pedimos permissão para publicar um resumo do mesmo, no espaço a seguir.

Poucos são os que se preocupam com o investimento educacional. Justificam os seus planos por ordem prioritária, colocando a educação em última instância, porque os homens que ingressam na escola demoram muito tempo para produzir rendimentos em termos econômicos. Há algumas razões para isso: Se o homem atual não conseguir resolver os problemas do presente, não há o porquê de se preocupar com os problemas do futuro.

Aí está o grande erro. Não basta passarmos tinta no casarão velho, temos é que reconstruí-lo, reorganizá-lo para o hoje e para o amanhã. Caso semelhante ocorre no campo educacional e econômico, não podemos encobrir as suas falhas com remendos frágeis de curto prazo, precisamos é alicerçar a sua estrutura para resistir as intempéries atuais e futuras. Aliás, o futuro está tão próximo de nós que não podemos traçar um limite distinto entre ele e o presente.

Estamos hoje vivendo o futuro, esta é a realidade.

Dois instituições atuais se aproximam muito da realidade de hoje: a escola e a cooperativa. As duas se preocupam com a educação, conscientização e a formação do homem. As duas concentram suas atividades para assegurar o bem-estar social, econômico e psicológico do homem, portanto, têm objetivos comuns entre si.

Se dissermos que o sistema cooperativista vai bem, que está pronto, acabado, estamos mentindo. Há, por ele, muito o que fazer, o que complementar. O maior problema, acreditamos nós está na conscientização, na segurança e na responsabilidade dos seus associados. A maioria deles desconhece o valor, o prestígio, os direitos, os deveres, a força e o apoio da empresa cooperativista, isto é, eles não se consideram uma associação integrada e ainda se apóiam nos princípios do individualismo e do capitalismo. Muitos deles só são associados enquanto a cooperativa lhes oferece benefícios, mas no

primeiro impasse, podem desistir e abandoná-la, isto é, só a aceitam enquanto ela vai bem e enquanto ela lhes dá melhores oportunidades. Para a maioria, interessa o homem ter e não o homem ser. Bom é o que possui, e não o que é. Neste contexto, o princípio da solidariedade humana e da ajuda mútua vai se desaparecendo para ceder lugar a competição e ao egoísmo, terrível veneno para uma sociedade em transformação.

Por outro lado, a escola fechou suas portas ao mundo. É uma instituição distante das necessidades atuais. Apóia-se numa pedagogia ultrapassada, esquecendo-se de que o homem mudou, de que a sociedade de hoje está necessitando do homem para o amanhã e não para o século passado. Maiores problemas ainda estão centrados:

Na imprecisão dos objetivos: A escola de hoje está se perdendo no meio de um milhão de informações, sem contudo delimitar e selecionar objetivos inerentes às necessidades atuais.

Na metodologia: A predominância das aulas expositivas, do exercício mental, do individualismo, enfatiza um processo de ensino defeituoso, enquanto deveria se apoiar nos princípios do processo de aprendizagem. Processo este que centra o aluno no meio do contexto, que faz dele um elemento ativo, criador e solucionador de problemas, pelo método da descoberta.

Há um divórcio muito grande entre as escolas e as outras instituições sociais. Ela poderia se apoiar, por exemplo, na instituição cooperativista, e, como duas irmãs auxiliarem-se mutuamente.

PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO ESCOLAR

O cooperativismo escolar pode ser conceituado como uma associação de alunos voltados para a melhoria social, econômica e psicológica dos seus associados, com a finalidade de desenvolver a potencialidade, a integração, a solidariedade humana e a ajuda mútua.

Baseia-se fundamentalmente nos princípios da escola ativa, no método da descoberta, na auto-atualização e na integração do aluno-aluno, professor-aluno, professores-comunidade e da escola com as outras instituições.

A cooperativa escolar é uma associação tão complexa quanto a uma outra cooperativa, exatamente porque trabalha com o homem, e nesta situação, com crianças, com adolescentes e adultos, com problemas diferentes e cheios de necessidades e de expectativas capazes de revolucionar o mundo todo.

A cooperativa escolar é a ponte de união entre a escola, a comunidade e a família, dela fazem parte a orientação e o apoio dos pais, dos professores, dos líderes da comunidade, dos especialistas, etc.

MARTIN FISCHER, PROFESSOR BENEMÉRITO DA FIDENE

Simbolicamente, a população de Ijuí aumentou na noite de 10 de fevereiro último, com a concessão de cidadanias a dois ilustres vultos radicados há anos no município. Martin Fischer e Gustavo Geiss, o primeiro representando Ijuí cultural e o segundo a força do trabalho através do seu empresariado, foram os nomes homenageados. A festividade aconteceu no restaurante da FIDENE, dela tomando parte as altas autoridades civis e militares aqui residentes, em sessão solene do Legislativo que ali instalou seus trabalhos sob a presidência do vereador José Henrique da Silva. Presentes ao ato o prefeito municipal, sr. Wilson Maximino Mânica; o juiz de Direito Luis Carlos

Nunes Lengler; o coronel Abdias da Costa Ramos, comandante do 27º GAC; cônsul alemão na região, sr. Hermann Ledermann; delegado Nelson Borgmann; o presidente do Hospital de Caridade, médico Amadeu Weinmann, outras autoridades, corpo docente da FIDENE, intelectuais e empresários.

Falaram na oportunidade, ressaltando as personalidades e o trabalho desenvolvido pelos homenageados em benefício do município, o vereador Egone Franke, pela bancada da ARENA e vereador João Leonardo Koehler, pelo MDB, tendo Wilson Mânica falado em nome do Executivo. Falaram também o cônsul alemão Hermann Ledermann e o pro-

fessor Argemiro Brum, em nome da FIDENE.

O presidente do HCI, Amadeu Weinmann entregou o título de cidadania a Guilherme Eduardo Geiss, que representava seu pai, Gustavo Geiss e o jornalista Ulrich Löw, a quem coube entregar o título ao dr. Martin Fischer. Na mesma ocasião foi prestada uma segunda homenagem ao dr. Martin Fischer, constante da outorga, feita pela FIDENE, do título de professor benemérito. A entrega do título foi feita pelo professor Mário Osório Marques, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da FIDENE, tendo o professor Argemiro Jacob Brum, proferido discurso alusivo ao acontecimento.

REPRESENTANTES: Comercio e Representações Agrícolas Caçula Ltda.
R. 15 de Novembro, 448 - IJUÍ - RS.



adubos
pampa s.a.
o verde da terra
CANOAS

O MAIOR ESPETÁCULO JÁ VISTO NA TERRA

"Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor". "E o palhaço o que é?" "É ladrão de muié".

É o circo que entra na cidade ao som de fanfarras e no compasso de animais e artistas, para o alvoroço da criançada e da gente grande também . . . pois ninguém que tenha olhos para ver e sensibilidade para sentir, vai deixar de assistir "o maior espetáculo da terra" em todos os tempos.

"Atenção, respeitável público! Não percam hoje e todos as noites, o colossal espetáculo armado no bairro Alegria. Leões amestrados, elefantes bailarinos, tigres de Bengala, gorilas cantores e pôneis equilibristas. E mais: acróbatas, arremessadores de faca, trapezistas, comedores de fogo, encantadores de serpentes e o número que já estarreceu as platéias desde Bombaim a Buenos Aires: A BOMBA HUMANA. Não percam", etc, etc.

Era o fascínio, a magia do circo; espetáculo apoteótico que nasceu a partir dos saltimbancos da Idade Média para morrer 400 anos depois vítima da televisão. Mas esta já é outra história. O que interessa lembrar aqui, é o circo.

O circo chegou, a cidade parou. Como numa mágica, a lona foi armada. As luzes se acendem, rufam os tambores, a orquestra dá o sinal. Os melhores circos abriam o espetáculo com a protofonia da ópera Orpheu no Inferno, de Offenbach, fazendo o delírio da expectativa no público.

Mas o circo desapareceu. O circo esplendor e pomposidade, o circo de cores, luzes, magia, e graça e beleza de artistas do mundo inteiro, que o transformava no espetáculo mais cosmopolita do universo, este está morto e enterrado. Fica aqui nossa homenagem, neste pequeno espaço de folclore. (Raul Quevedo).



A equilibrista cavalga um pônei ao som imortal de Offenbach, enquanto joga beijos ao público.

CANTADORES DO COOPERATIVISMO

O nordestino canta tudo. Canta a fé no "Padim Ciço", a pontaria do Corisco e a valentia de Lampeão. Canta as belezas do Recife, a força do Capiberibe, a brisa do São Francisco e as mágoas do coração. É um misto de asceta e realista, de arredio e "bom papo", de libertino e moralista, tudo isso com a naturalidade digna de um devoto.

Pois para quem tudo cantava na base do cordel, não foi difícil acrescentar mais um tema à cantoria. E esse tema foi o cooperativismo, que vem sendo o motivo principal dos debates rimados em todas as rodas de cantadores, ao compasso do berimbau.

*O Deus, Senhor do universo
Dai-me vossa proteção
Pra narrar esta história
Que veio lá do sertão*

Sob o título "O associado honesto e o atravessador caloteiro", o cantador Malaquias Ancelmo está verberando ao som da viola nordestina "certas manhas de comerciantes atravessadores que prejudicam as cooperativas honestas".

Um acróstico em homenagem à ASSOCENE (As Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste), que inclusive edita o jornal "Ponteiro", de larga circulação em todo o Nordeste, marca a abertura do livreto de Malaquias Ancelmo: Aos que lerem esta história verdadeira Sentirão como vive o sertanejo

*Sem ter forças pra lutar E satisfaz os seus desejos.
com firmeza*

*Onde os laços o torna sempre preso
Consciente do mal que lhe cativa
Ergue o brado dos baixios aos serrotes
Na certeza que na cooperativa
Estarão mais unidos e sempre fortes.*

A estória, bem ao gosto do homem comum na região, narra o debate entre um certo Doutor Gustavo e o cidadão Zé Silva.

*Transcrevemos algumas "rimas" do debate do cooperativista com o comerciante:
Vivendo no isolamento
Dos meus sítios sertanejos
O homem trabalhador
Desconhece os manejos
Dos grandes comerciantes*

*As firmas comerciantes
Que atuam no sertão
Fazem uso do serviço
Sem nenhuma comoção
Comprando toda a lavoura
Da pequena produção.*

*Ele vai de porta em porta
Com mais sorriso que dinheiro*

*Numa conversa bonita
Parecendo um feiticeiro
Deixando o agricultor
Como bode no chiqueiro*

*E o diálogo entre os dois:
Dr. GUSTAVO*

*Bom dia meu amigo Zé
Eu estou aqui de novo
Como no ano passado
Fazendo bem para o povo
Que vive tão apertado
Como um pinto no ovo.*

*ZÉ DA SILVA
Bom dia, dr. Gustavo*

*O senhor vá me desculpar
O que lhe traz por aqui
Do nosso lado de cá?
Já veio comprar de novo
O que ainda vou plantar?*

DR. GUSTAVO, todo gentileza:

*O senhor é um homem sério
E também inteligente
Pois já está acertando
Ao me ver aqui presente
Só quero fazer o bem
A quem é amigo da gente*

ZÉ DA SILVA, preparando a esquiwa:

*Dr. desta vez não dá
Eu estou pensando bem
Como é que eu vou vender
Aquilo que não se tem?
Fica para outra vez
Ou para o ano que vem.*

DR. GUSTAVO insiste:

*Seu Zé, não estou entendendo
O que o senhor quer dizer
Pois eu sei que o senhor
Tem muita coisa a fazer
E um homem sem dinheiro
Como é que vai viver?*

*ZÉ DA SILVA mantém-se:
Vou vivendo apertado
Mas, sem dever a ninguém
E também por outro lado
Eu não acho que convém
O homem viver devendo
Prá séculos sem fim, amém.*

*Versos adiante, dr.
Gustavo começa a irritar-se:
Seu Zé, eu nunca lhe vi
Com a cabeça tão dura
Conosco tudo deu certo
Na pobreza ou na fartura
Porque essa coisa agora
Sem uma razão segura?*

ZÉ DA SILVA dá então o motivo:

*Eu vou logo lhe dizer
Toda a minha negativa
Já que o senhor insiste
Obrigando que lhe diga
Não farei destes negócios,
POIS SOU DA COOPERATIVA.*

E o debate prossegue em tom de altercação, com o dr. Gustavo amaldiçoando a cooperativa e o Zé da Silva defendendo-a.

Como se pode analisar, não só pela simplicidade do tema como também pela pobreza do português e da própria rima, trata-se de uma tentativa de conquistar leitores ou mesmo ouvintes, pois inegavelmente, a grande voz que o Nordeste ouve ou proclama, é a do cordel.

ESPANTALHO NA TRADIÇÃO POPULAR



O espantalho (quem lembra?), eis um elemento figurativo em grande parte das lavouras do passado, que desapareceu. Sim, e espantalho é folclore, representativo de um vestígio de nosso passado que decerto não volta mais. E não volta porque, de um lado, a devastação de nossas matas, habitat natural dos pássaros praticamente liquidou com a fauna. E de outro lado, as lavouras mecanizadas de hoje, no caso da soja, exigem até mesmo a pulverização por avião.

Dessa maneira, aquelas figuras tão típicas do interior brasileiro em décadas, vivem tão somente na imaginação dos mais antigos, constituindo-se portanto em fator de forte conotação carismática de cores folclóricas.

O HOMEM QUE DEU ASAS AO MUNDO

São quatro horas da tarde do dia 23 de outubro de 1906. Estamos em Paris, a capital científica e cultural do mundo. Grande parte da população parisiense concentra-se no campo de Bagatelle ou em seus arredores, com enorme curiosidade. Vai acontecer um fato até então inédito em todo o mundo: o homem vai voar. E o herói da façanha que concentra as atenções da França — e pode-se dizer, as atenções de todo o mundo civilizado — é um brasileiro chamado Alberto Santos Dumont, nascido no interior do estado de Minas Gerais.

O palco é grandioso. Conforme dizíamos, são quatro horas da tarde. O moço brasileiro apanha do chão um pedaço de estopa e limpa as mãos sujas de graxa. Olha parte da multidão que aguarda em expectativa o grande momento desde as primeiras horas da manhã, e sobe no aparelho mais pesado que o ar. O silêncio é total na multidão.

Súbito, a hélice começa a girar. O motor solta um estampido e inicia um ronco irregular a princípio mas que em seguida retoma um ritmo perfeito, apesar de estremecer a estrutura do frágil aparelho. É o 14-Bis, que desliza pelo solo de Bagatelle. Num crescendo ele aumenta a velocidade até que como se fora um pássaro de grandes dimensões, vence o espaço.

A multidão, que até então apenas respirava, solta uma exclamação de espanto e admiração que ecoa num brado gigantesco em toda a Cidade Luz. Nascera o avião.

Seu criador crescera lendo Júlio Verne, o precursor da ficção científica que descreveu e previu tantas invenções que posteriormente se concretizaram.

Dando largas à imaginação, Santos Dumont deu volta ao mundo em 80 dias ao lado de Phileas Fogg; com Servadac, navegou pelo espaço já percorrido pelo Ícaro da mitologia, com suas asas de cêra cobertas de penas e vôou no Pégaso, o cavalo alado. viajou no submarino Nautilus ao lado do capitão Nemo e pensou ter estado até mesmo no "centro da terra".

Afora os livros de Júlio Verne, quando na fazenda Cabangu, onde criou-se, ao brincar com outros meninos, ocorriam cenas como esta:

— Pássaro voador? Voa! — respondia Alberto, corretamente, e por isso não precisava pagar nenhuma prenda. Mas em seguida:

— Homem voador?

Seria um erro responder "sim", pois onde já se viu homem voar? Mas Alberto, talvez, renunciando já ao que se dedicaria no futuro, respondia:

— Homem voador, sim!

Seus irmãos riam enquanto lhe cobravam o castigo, e Alberto ficava cismando, olhando os pássaros e pensando nas palavras de Júlio Verne.

— Um dia o homem há-de voar!

Em 1891, o moço Alberto Santos Dumont, ainda com as idéias povoadas de heróis de Júlio Verne, chegou a Paris. A Paris do final do século XIX, que era o centro cultural do mundo. Aí concentravam-se artistas, escritores, filósofos, políticos, compositores, inventores e aventureiros, amantes de tudo o que fosse belo, extravagante, progressista, moderno...

Era a cidade das luzes, onde começava a forjar-se o século XX, que despontava. Era o centro das novidades. Da ciência, do saber, da beleza, das artes. É nesse mundo quase fantástico que o moço de rica imaginação é projetado quase que como num passe de mágica. Com 17 anos de idade, culto, rico, possui uma fantástica curiosidade para tudo o que Paris tem para mostrar-lhe. Na Exposição do Palácio das Indústrias, onde foi levado pelo pai, maravilha-se com o motor a combustão.

"Qual foi o meu espanto — confessaria mais tarde — quando vi pela primeira vez um motor a petróleo da força de um cavalo, muito compacto e leve, em comparação aos que eu conhecia".

Talvez aí, lembrando os irmãos e suas brincadeiras na fazenda Cabangu, tenha consolidado o pensamento: homem voador, sim!

A França do começo do século, sob o impacto do "Eu Acuso", de Emile Zola, estava dividida entre pró-Dreyfus e contra-Dreyfus, o capitão injustamente condenado como traidor. A opinião pública agitava-se em torno do clamoroso erro judicial.

Mas Santos Dumont não tinha a menor atenção para algo que não fosse voar.

Seu primeiro vôo em balão sobre Paris, deixou-o maravilhado.

— Era inverno — disse. Durante toda a viagem acompanhei as manobras do piloto e compreendi perfeitamente a razão de tudo quanto ele fazia. Naquele momento constatei que havia nascido para a aeronáutica. Depois dessa, não parou mais de voar. Só em 1898 realizou mais de 30 vôos em balão.

O engenheiro Lachambre, sob desenho do próprio Santos Dumont, executa o primeiro ba-

lão do brasileiro. O aerostato, com uma enorme série de inovações, é muito superior aos em voga na época: 6 metros de diâmetro, formato esférico, invólucro de seda japonesa envernizada, com capacidade para 113 metros cúbicos de gás, pesando 14 quilos. A rede, que em outros balões chegava a pesar até 50 quilos, nesse tinha apenas 1.800 gramas. A barquinha, geralmente de 20 quilos, pesava 6 e a corda de compensação (equivalente a "linha" dos papagaios) com o comprimento de 100 metros, pesava 8 quilos. Era o primeiro balão de Santos Dumont. Chamava-se Brasil. Foi ao ar sob os céus de Paris a 4 de julho de 1898.

Santos Dumont ficou famoso da noite para o dia. Toda a Paris e depois toda a França falavam do brasileiro "doido".

Depois vieram outros balões, até que passou a concentrar seu gênio e entusiasmo no projeto do "Mais pesado que o ar", ou seja, o aeroplano.

Em 1905, já detentor de prêmios aeronáuticos, constrói o balão de nº 14, seu modelo mais aperfeiçoado. Mas no mesmo tempo, com a certeza de que os motores a explosão com combustível líquido já são suficientemente seguros para tentar a experiência maior, parte para sua conquista maior, até então jamais tentada por qualquer ser humano. Constrói um aeroplano dotado de asas e provido de um motor a gasolina. Antes de tentar subir só com o impulso do motor, Santos Dumont atrela o aparelho ao balão nº 14, que se encarregava de levar o aeroplano ao ar. Dai o nome que lhe deram: 14-Bis.

A experiência exitosa da tarde de 23 de outubro de 1906 provou que o homem, realmente podia voar.

Mas este Ícaro real não foi



Santos Dumont, comandando a "solta" de um de seus balões.

feliz. Passou a demonstrar grande descontentamento em 1914, quando os países beligerantes usaram aviões com fins bélicos, na I Guerra.

De volta ao Brasil, desiludido e já bastante doente, recolheu-se a cidade de Santos, em São Paulo. Seu mal agravou-se quando em 1932, em vista da Revolução Constitucionalista, o avião volta a ser usado para matar, e desta vez, em guerra de ir-

mãos contra irmãos. Santos Dumont não suportou, era demais para a sua sensibilidade. A 20 de julho de 1932, exatamente no dia que completava 59 anos de idade, suicidava-se num recanto da própria residência na praia de Guarujá. Ele não admitia que os pássaros de ferro com que sempre sonhou desde a infância, tivessem outros usos que não o de proporcionar benefícios e prazeres ao homem.



Deus confiou-lhe as árvores,
as flores, o ar, a água.
Seja digno da confiança DELE.
não polua!
Um apelo do COTRIJORNAL



CONHEÇA O REI DO "ROCK" SINFÔNICO

Um manto dourado que pesa dez quilos, cabelos corridos sobre os ombros descendo em mechas até a metade das costas, a aparência de um Messias loiro de olhos azuis e a capacidade de tirar sons harmoniosos de todos os instrumentos de teclado existentes. É Rick Wakeman, um inglês nascido numa família de intelectuais compenetrados, que já criou verdadeiras obras-

primas de bom gosto musical, numa fase intermediária entre o burlesco e o clássico lírico. É chamado "rei do rock sinfônico" e quando esteve no Brasil (em 1975) foram reunidas as sinfônicas do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre para acompanhá-lo, o que se constituiu em verdadeira apoteose.

Sob a direção de Ken Russell, do título "Lisztomania", le-

vou o clássico Franz Liszt para o cinema, em versão "pop". Além de criador da trilha sonora do filme dá uma de ator, fazendo o papel do deus Thor, da mitologia grega. O filme ainda não foi exibido no Brasil.

O que lhe deu fama mundial praticamente da noite para o dia foram "As Seis Esposas de Henrique VIII", "Viagem ao Centro da Terra" e "Os Mitos e Lendas do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda".

Para a maioria dos críticos, as Seis Esposas de Henrique VIII é o melhor da obra de Rick Wakeman, talvez por ser menos pomposa que as outras. Foi seu primeiro trabalho como solista, lançada em 1973. É uma suite de seis peças, cada uma em homena-

gem a uma das mulheres do "rei assassino". Fusão equilibrada do rock com a linhagem clássica, o que representou excelente base para os vôos seguintes. O segundo foi Viagem ao Centro da Terra, e o responsável pela elevação do autor à categoria de mito musical. Inspirado no romance de Júlio Verne, Rick Wakeman compôs uma sinfonia cheia de clima de mistério e magia. Lançado na Europa em 1974, o disco continua vendendo inclusive no Brasil. Sua obra seguinte foi Os Mitos e Lendas do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Também, pompa e fantástico dignos de um Richard Wagner, no ritmo vibrante de um Tchaicovsky, romantismo de um Debussy na leveza de um Mozart.

Ele tinha tudo para ser um concertista eminentemente clássico, além de compositor na linha de Verdi, Mozart, Offenbach, Wagner ou Tchaicovsky, dada a sua identificação com a pompa e a vibração melódica daqueles clássicos, à cuja semelhança sua obra tem conotação rítmica. Seu pai, o velho Cyril Wakeman, era um pianista clássico com prestígio em toda a Inglaterra. Sua mãe também era chegada às artes e à chamada "boa música". Richard Wakeman ficou num meio-termo. Nem clássico nem popular, mas um gostoso meio-termo. Um "Rock Sinfônico" rico em nuances que parece agradar a todos, indistintamente. Sem dúvida, um gênio musical dos tempos modernos.

POESIA

KIPLING, O POETA DO IMPÉRIO BRITÂNICO

Rudyard Kipling, poeta e escritor inglês, nasceu em Bombaim, Índia, em 1865. Educado em Londres, retornou à Índia onde dedicou-se à imprensa.

Desde muito moço, seus poemas, contos e romances conquistaram o público de língua inglesa, tanto que ainda em vida (morreu em 1936) era considerado o "poeta do Império Britânico". Em 1907 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

Hoje, não há antologia em qualquer parte do mundo que não inclua pelo menos um de seus trabalhos poéticos. O poema "Se", das suas obras mais conhecidas e apreciadas, vertido para todas as línguas vivas, ocupa o espaço poético desta edição.

Foi compilado de "Obras Primas da Poesia Universal", da Livraria Martins Editora, em tradução de Guilherme de Almeida.

SE

Se és capaz de manter a tua calma quando
 Todo o mundo ao redor já a perdeu e te culpa;
 De crer em ti quando estão todos duvidando,
 E para esses no entanto achar uma desculpa;
 Se és capaz de esperar sem te desesperares,
 Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
 Ou, sendo odiado sempre ao ódio te esquivares,
 E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires;
 De sonhar — sem fazer dos sonhos teus senhores;
 Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
 Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
 Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas

Em armadilhas as verdades que disseste,
 E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
 E refazê-las com o bem pouco que te reste;
 Se és capaz de arriscar numa única parada
 Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
 E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
 Resignado, tornar ao ponto de partida;
 De forçar coração, nervos, músculos, tudo
 A dar seja o que for que neles ainda existe,
 E a persistir assim quando, exaustos, contudo
 Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
 E, entre reis, não perder a naturalidade,
 E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
 Se a todos podes ser de alguma utilidade,
 E se és capaz de dar, segundo por segundo,
 Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
 Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
 E o que é mais — tu será um homem, ó meu filho!

UM CASO MÉDICO

"Conheci certa vez um homem simples que vivia numa aldeia nas vizinhanças de Kilmannaro, onde fazia uniforme para os oficiais.

Era um alfaiate exímio, mas não queria abrir uma alfaiataria para se dedicar a essa profissão e por isso nas demais horas se entregava à cata de pedras preciosas. Quando certo dia encontrou algumas pedras, caiu de joelhos e chorou, porque para o resto de sua vida seria rico e famoso. Mas, eis que rápidos vieram os leões e lhe atacaram o acampamento, os ladrões surgiram e lhe roubaram as gemas e os inimigos não tardaram em vir questionar suas terras e seus direitos. Não demorou muito tempo e seu coração, como o povo diz, sofreu um colapso. Faleceu e foi enterrado no caixão de um alfaiate. A moral da história só merece, da minha parte, uma observação: na terra do inexplorado, o cuidado pelo trabalho pode encontrar o tesouro, mas só a força pode preservá-lo".

Esse é o prólogo de *Luta de Gigantes*, de Thomas Thompson, edição Nova Época Editorial, de São Paulo.

O roteiro da narrativa desenvolve-se num hospital, no interior de salas de operações e laboratórios, de dois dos maiores centros médicos de Houston. O livro conta a luta de dois médicos — no caso, os gigantes que dão título — cirurgiões do coração, seus méritos, seus valores, suas ambições, lançados numa competição de prestígio onde está em jogo a vida humana. 400 páginas, brochura a cores. É uma distribuição da Sulina no Rio Grande do Sul.

ESTRANHO TRIÂNGULO

Um drama de profunda percepção psicológica. *Estranho Triângulo* gira em torno da problemática de três jovens jogados na imensidão desumana da cidade grande, numa trama urdida em torno de um deles, que é homossexual.

Edmar Pedreira Ferreira, o autor, começa por focalizar a problemática das opções dos jovens personagens. Um deles, Aristeu, chega do Nordeste e tenta inserir-se na cidade grande através das influências que recebe. Convive com colegas estudantes participa de passeatas e se empolga com as manchetes contestatórias. Seu encontro com Werner, um sujeito bem instalado na vida, abre-lhe possibilidades de um sucesso rápido e compensador, embora isso implique no sacrifício de uma amizade. Ele rompe com um amigo (Walter) para viver em promiscuidade sexual com Werner e a mulher deste, Susana.

Esse, em traços gerais, o pano de fundo onde se desenvolve a trama, que vai adquirindo intensidade dramática a medida que o livro marcha para o epílogo. 190 páginas, edição da Nórdica, distribuição da Livraria Sulina Editora.

A FUGA DO ARCANJO

"Até que ponto um amor pode ser anormal? Penso que uma vez que seja amor já está isento de anormalidade. Mas onde começa, e com que armas, esta festa abstrata? Certamente que nas fronteiras do corpo. Através do corpo, o espírito (que ama em verdade) assume suas limitações. E o amor pode ser mais ou menos santo, mais ou menos possível, sempre que transpuser a solidão total para se relacionar no jogo humano e múltiplo do mundo.

Não se vive numa ilha, em verdade. Pode então o amor começar a ser possível e anormal. Pode ser interceptado por simples instituições sociais e religiosas, até gravíssimas realidades de essência da própria natureza humana".

São questões de "A fuga do Arcanjo" (Diário III), de Waldir Ayala, um lançamento da Editora Brasília/Rio, que o autor coloca ao leitor com a intenção de uma resposta conjunta.

ASSIM MORREU LAMPIÃO

Virgolino Ferreira, de apelido Lampião. Para uns, um facinoroso sedento de sangue, destruidor de lares e assassino do pior estofado; indivíduo destituído de qualquer moral ou dignidade. Para outros, a personificação do herói, do homérico, do justiceiro. Defensor dos fracos e oprimidos, espécie de Robin Hood moderno. A princípio, cantado até a exaustão pela literatura de cordel, mas que aos poucos vai interessando historiadores e pesquisadores sérios e intelectuais, que buscam no cangaceiro das décadas dos anos 20 e 30, a identidade da sua luta armada com a luta silenciosa do povo daquelas paragens contra a miséria congênita, as leis draconianas dos coronéis e a ação repressiva de uma polícia corrupta e que se igualava em

atos de barbarismo, aos próprios cangaceiros.

Assim morreu Lampião, de Antônio Amaury Corrêa de Araújo, o acertador do Programa 8 ou 800 da TV Globo, enquadra-se neste segundo grupo de trabalhos. O autor, apesar de ainda jovem, percorreu toda a região do cangaço. Inquiriu "coiteiros" da época e moradores próximos ao Angico e entrevistou o famoso tenente Bezerra, que comandou o massacre em que foram dizimados os cangaceiros, incluindo Lampião e Maria Bonita.

Apesar do tema dramático, mas que retrata uma época tipicamente bárbara de nosso hinterland nordestino, o livro é de leitura fascinante e de excepcional valor para quem deseja conhecer a vida brasileira em todos os seus ângulos reais. Edição da Brasília/Rio.

AS ANEDOTAS DO PASQUIM

Dois americanos em Nova Iorque conversavam sobre o Brasil:

- Do you know Brazil?
- Ó, nou! Andiou?
- Non gostar. Grande devassidão. Pais muito crazy (louco) o Brasil.
- Verdade?
- Non fazer meu gênero. Você chegar no aeroporto em Brazil e ir logo fucking. Pegar taxi para hotel e já vai no taxi fucking. Chegar no hotel e o dia inteiro e fucking, fucking. Non se parar de fuck in Brazil.
- Você já estar em Brazil alguma vez?
- Eu non. Quem estar lá muitas vez é minha irmã. Ela gosta muito do Brazil.

As Anedotas do Pasquim, número 3. Conforme diz o próprio livro, é uma seleção das melhores anedotas do mundo. Leitura entretenimento para adultos, lançamento Hemus/Codecri, distribuição da Livraria e Editora Sulina.

Um drama de uma intensidade excepcional, narrado por um jornalista com a perícia de um profissional.
SAN FRANCISCO EXAMINER

LUTA DE GIGANTES

THOMAS THOMPSON



assim morreu

LAMPIÃO

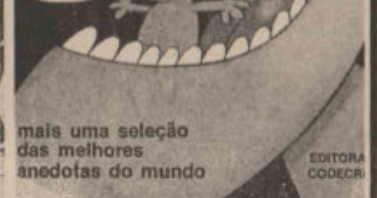
Antonio Amaury Corrêa de Araújo



AS ANEDOTAS DO PASQUIM

NÚMERO

3



mais uma seleção das melhores anedotas do mundo

EDITORA CODECRI

O mais importante de um seguro é a certeza de que ele nunca vai falhar. A União faz um seguro tranquilo. Pergunte ao seu corretor.

Quando você faz um seguro, quer, em primeiro lugar, ter a certeza de que este seguro nunca vai falhar. A Companhia União de Seguros Gerais lhe proporciona isto, pelo mesmo motivo que tem cumprido seus compromissos durante 85 anos: solidez.

Deixe a União cuidar de sua segurança e fique realmente tranquilo. Chame a Corretora de sua Cooperativa. Ela estudará a fórmula perfeita para sua necessidade.



Cia. UNIÃO de Seguros Gerais



85 anos de Segurança
Matriz: Porto Alegre
Empresa do Grupo Banrisul

DE NOSSO CORRESPONDENTE ECONÔMICO NA EUROPA

Publicamos com a presente edição extenso comentário de análise da economia inglesa contemporânea, escrito pelo professor Cândido Grzybowski, que se encontra há dois anos na França, onde cursa extensão em Sociologia do Desenvolvimento, na Sorbonne, em Paris. Publicamos um resumo da sua carta e chamamos a atenção para a importância do comentário que escreveu para o COTRIJORNAL, cuja matéria é ilustrada com fotos tiradas por sua esposa Lourdes, que estuda fotografia em Paris.

"Quero apresentar-lhe os cumprimentos pelo excelente COTRIJORNAL. Através dele, não perco de vista a realidade brasileira, que analiso aqui, pois a mesma faz parte de minha tese de doutorado. Com esse instrumento de informação, sinto-me um pouco dialogando com os agricultores daí, que conheço bem.

O artigo em anexo sobre a Grã-Bretanha tem a finalidade de contribuir para a compreensão de todo o problema da economia mundial, onde a soja — a nível de economia primária — está tendo papel destacado. Sem dúvida, a soja, como mercadoria, entra no complexo sistema de relações e lutas que é a economia mundial. E creio que a Inglaterra, em sua evolução histórica e situação atual, atesta, melhor que qualquer outro, qual é o "verdadeiro jogo da economia mundial".

Não sei se o artigo realmente interessa ao COTRIJORNAL. Caso positivo, utilize-o como achar melhor. Creio que seja longo demais. Porém, se reduzido, perderá muito de seu contexto de compreensão. O comentário não se constitui numa análise, mas tenta ser uma sistematização de informações para permitir uma visão geral da problemática econômica nesta área, na Europa.

Se concordar, penso enviar um artigo por mês. O próximo será sobre a agricultura atual francesa, com ênfase para a utilização da soja na ração animal. Dentro de duas semanas manterei contato direto com os agricultores organizados em cooperativas, que se dedicam à criação de frangos e produção de leite. Oportunamente devo estudar as economias da Espanha e Portugal.

Lí num dos editoriais (edição de dezembro) a posição da COTRIJUI frente às mudanças no mecanismo do financiamen-

to, fato que tem muito a ver com o subsídio a produção agrícola nos Estados Unidos. Logo que obtiver maiores subsídios, escreverei a respeito. LEIAM NAS PÁGINAS 16 e 17 O ARTIGO DE CÂNDIDO GRZYBOWSKI.

POSTAL DE ISRAEL

Assinado por Daniel e Neyda Hurevich, recebemos de Israel um bonito postal, com o seguinte texto (resumo): Prezado amigo Raul Quevedo. Muito emocionados, recebemos o COTRIJORNAL por intermédio da Sara Corrogosky, no qual foi publicada a nota e o convite de nosso casamento.

Somos muito agradecidos por esse gesto de fidelidade e imorredoura amizade.

BIBLIOTECA NACIONAL

Recebemos, assinada pela sra. Wilma Cid Cota, da Seção de Contribuição Legal da Biblioteca Nacional.

Rio de Janeiro, 3.2.1977. Prezados senhores: Verificando que não constam nos fichários da Biblioteca Nacional o COTRIJORNAL, solicitamos providências a v. sa. para a remessa do mesmo, em cumprimento ao Decreto Lei nº 1825, de 20 de dezembro de 1907. Atenciosamente, Wilma Cid Cota, Seção de Contribuição Legal da Biblioteca Nacional.

N. da R. — Por um lamentável lapso de nosso setor de remessa, a Biblioteca Nacional não estava constando de nosso fichário, consoante, inclusive, determina a Lei. Comunicamos à missivista que remetemos via postal volume contendo exemplares correspondentes ao ano de 1976 e incluímos, com prazer, a B.N. em nossa remessa mensal permanente.

COOPERATIVISTA CHILENA

Santiago, Chile, Dezembro de 1976. Estimados senhores do COTRIJORNAL e da COTRIJUI. Recebam os melhores desejos de felicidades nestas "boas festas" e que o ano que se aproxima seja melhor e mais próspero ainda para o programa de ação dessa cooperativa. Desejo expressar aqui meus sinceros e especiais agradecimentos ao COTRIJORNAL, felicitando-lhes também por sua excelente qualidade.

Como cooperativista lotada no Ministério da Agricultura, me corresponde o trabalho de supervisão dos funcionários através de todo o País. Assinada, Mireya Pietracoprino, Torre Molinos, 410, Santiago, Chile.

CRÉDITO RURAL

Congratulo-me pelas razões apontadas no editorial à página dois, edição de dezembro, intitulada "A inflação e o crédito rural". Será bom que tal e importante assunto chegue ao conhecimento de sua excelência o Ministro Simonsen. Saudações. Antonio Pereira, Pinhalzinho, Tenente Portela.

RAMO TÉCNICO

Prezados senhores: Estou iniciando minhas funções em Ijuí, após quatro anos de permanência no Rio de Janeiro, onde trabalhei na indústria química. Minha formação profissional é de farmacêutico-bioquímico.

Gostaria de receber se possível, o COTRIJORNAL, pois sinto que o mesmo será de grande valia para minha informação. Atenciosamente, Flávio D. Wayhs, Ijuí.

NÍVEL JORNALÍSTICO

Marechal Cândido Rondon, 3 de fevereiro de 1977. Prezado senhor. Conhecedor do alto nível jornalístico do COTRIJORNAL, bem como do interesse com que tem abordado e defendido os interesses rurais, propósito que lhes têm proporcionado posição de destaque na imprensa rural do País. Gostaria que meu nome fosse incluído entre os demais assinantes desse jornal. Antecipo agradecimentos. Eng. agr. Raul M. Lima, "Agropecuária Padrão" — Caixa Postal, 561 Cascavel, estado do Paraná.

GRUPO SANTISTA

Caro companheiro da comunicação empresarial. O "Octogono", jornal do Grupo Industrial santista, comunica seu novo endereço, onde deseja receber o COTRIJORNAL. É av. Maria

Coelho Aguiar, 215 — Bloco A — 7º andar, Jardim São Luiz, Santo Amaro — CEP 05805 — São Paulo.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Niterói (RJ), 12 de janeiro de 1977. Durante a realização do 1º Curso Avançado de Cooperativismo, em Ijuí, realizado em outubro, tivemos a oportunidade de entrosar com dirigentes da COTRIJUI, quer em visitas feitas ai ou em debates na FIDENE.

Constatamos que a comunicação e a educação são pontos altos para o pleno desenvolvimento do cooperativismo na região, o que serve de exemplo para nosso trabalho no estado do Rio de Janeiro.

Outrossim, solicito uma assinatura do COTRIJORNAL, afim de estar sempre bem informado sobre cooperativismo e a realidade serrana do Rio Grande do Sul. Saudações. José Vasconcellos Nóvoa, assessor técnico em Organização Rural — EMATER-RIO. Alameda São Boaventura, 998 — 24.000 — Niterói, RJ.

COLEÇÕES DO JORNAL

Recebemos agradecimentos das seguintes entidades e bibliotecas que colecionam o COTRIJORNAL: Associação de Orientação às Cooperativas do

Nordeste — ASSOCENE — av. Visconde de Suassuna, 447, Recife, Pernambuco. Biblioteca do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo — EMBRAPA — Caixa Postal, 569 — 99.100 — Passo Fundo, RS. Centro de Documentação e Biblioteca do Banco da Amazônia, av. Presidente Vargas 800 — 16º andar, Belém do Pará e Museu Dom Diogo de Souza, de Bagé, RS.

CLUBE DE BAGÉ

Recebemos do sr. Severino Collares, secretário do Clube de Integração e Troca de Experiências (CITE):

Senhor redator. Chegou-me às mãos o nº 38 do COTRIJORNAL, cuja leitura foi de muito interesse para mim e todos os membros do CITE, do qual sou secretário. Acontece que estou organizando uma coleção de publicações especializadas (revistas, jornais, etc) para distribuição em rodízio entre os associados do Clube, que são 12.

Pois bem, gostaria que o senhor incluisse meu nome e endereço como assinante do COTRIJORNAL, efetuando a cobrança via bancária. Cordialmente, Severino Collares, Caixa Postal, 419 — 96.400, Bagé, RS.

N. da R. — Comunicamos-lhe que seu nome está no rol de nossos assinantes. Nada lhe será debitado, pois V. Sa. receberá o COTRIJORNAL como oferta da COTRIJUI.



As grandes safras de trigo começam a ser colhidas antes da semeadura.

Começam na correta escolha do fertilizante. Quando o adubo é Ipiranga, a grande safra começa no Centro de Análises e Experimentos Técnico-Agrícolas da Fertilul, onde a proporção exata de nutrientes em cada grão de fertilizante é estabelecida e testada.

Continua no processo de fabricação e ensacamento, que assegura o grão sempre seco e solto. Continua na adubação feita com a orientação dos técnicos da Fertilul. E pronto. Para a grande safra, só falta semear.

ADUBOS IPIRANGA
qualidade Fertilul

COMA MAIS MILHO E NUTRA-SE MELHOR

O milho é um excelente alimento. A história dos povos primitivos mostra que a dependência dos índios ao milho era quase total. Com milho e peixe os silvícolas de todas as regiões do continente americano eram fortes e saudáveis possuindo saúde de ferro. Atingiam a longevidade, não raro ultrapassando dos cem anos de idade.

E ao contrário do que alguns pensam, o milho pode ser comido por pessoas de aparelho digestivo delicado. Suas propriedades proteicas principais são hidrato de carbono, sais minerais e variadas vitaminas.

A melhor combinação nutritiva que se pode fazer é acrescentar leite ao milho: Canjica, cremes, pamonhas, são alguns exemplos que podem ser aproveitados muito bem. Além do seu valor nutritivo o milho tem alto valor calórico (100 gramas de milho verde cru fornecem cerca de 112 calorias), seu óleo dificulta a formação de gorduras no sangue (reduzindo o nível de Colesterol) sendo de fácil digestão.

Quando colhemos ou compramos milho verde devemos escolher espigas que tenham carreiras uniformes de grãos e estar cheias até sua extremidade. Os grãos precisam ser leitosos. Para verificar isto, é só apertá-los: se espirar leite é porque o milho está bom.

MANEIRAS DE PREPARAR

Entre muitas, o milho pode ser preparado em espigas inteiras, grelhado, cozido em grãos, em forma de pipocas. Porém, para que se aproveite ao máximo todas as suas propriedades nutritivas, e fique mais saboroso, deve-se observar; Textura, sabor e

metade do conteúdo de açúcar se perdem nas primeiras 24 horas depois de colhidas. Por este motivo é bom observar se realmente o milho é novo. Espigas inteiras são fervidas somente em água, de 5 a 10 minutos. O sal deverá ser colocado somente no final do cozimento para não endurecer os grãos. O leite é excelente para cozinhar o milho verde em grão.

A manteiga, margarina, pimenta, queijo ralado, creme de leite, gotas de limão, salsinha picada, entre muitos, são alguns dos ingredientes que dão um sabor todo especial ao milho cozido em espigas. Quando fizeres milho grelhado, dobre as folhas verdes para trás, retirando os cabelos. Coloque novamente as folhas no lugar, amarrando-as. Deixar as espigas de molho (em água salgada) por 5 minutos, após o que, colocá-las sobre fogo forte por 10 minutos, virando-as frequentemente.

Para o milho tostado ficar mais delicioso espalhe manteiga ou margarina (amolecidas) sobre as espigas (sem folhas e cabelo). Após, embrulhe em papel de alu-

minio e coloque sobre carvão quente ou forno pré aquecido durante 10 ou 15 minutos (de cada lado). O milho embrulhado em papel alumínio e guardado no congelador, se conservará relativamente fresco durante um mês.

Um milho muito gostoso, para servir com milho amassado ou cozido, pode ser feito com páprica, pó de caril (curry) e orégão bem amassado (1 colher, de chá, de cada) e 125 gramas de manteiga.

Para sua torta de galinha ficar bem mais saborosa junte ao seu recheio milho em grão cozido.

"Estourar" pipoca é quase uma arte, pois nem sempre se conseguem bons resultados: ou elas ficam duras demais ou "estouram" muito pouco. Para que fiquem bem macias e sejam totalmente aproveitadas, colocam-se grãos suficientes para cobrir o fundo de uma panela. O óleo (ou margarina ou manteiga) deve apenas "molhar" os grãos. Para molharmos as espigas de milho com manteiga utilize pedaços de pão.

SUFLÊ DE MILHO VERDE

Preparo: 20 minutos
Fogo: 1 hora
Forno: 20 minutos

Uso: como acompanhamento para assados de porco, frango ou carne de gado. Podendo acompanhar vinho rosé ou branco.

INGREDIENTES: 3 espigas grandes de milho, 3 xícaras (de chá) de leite, 3 colheres (de sopa) de manteiga, 1 colher (de

sopa) de maizena, sal, pimenta, 2 gemas, 2 claras batidas em neve firme. Modo de Fazer: Limpe e lave as espigas. Cozinhe em água fervente. Retire e corte os grãos das espigas. Passe os grãos no liquidificador juntando o leite. Coloque a manteiga em uma panela e deixe dourar. Em seguida despeje o leite batido com o milho, a maizena, sal, pimenta e as gemas. Deixe no fogo até engros-

sar, sem parar de mexer, por cerca de 10 minutos. Retire o creme do fogo. Junte as claras em neve e misture levemente. Despeje em uma forma refratária untada com manteiga e leve ao forno quente por mais ou menos 20 minutos. Retire e sirva imediatamente.

Pode-se substituir o milho em espigas por milho verde enlatado.

MILHO VERDE COM TOMATE E PIMENTÃO

3 cebolas médias cortadas
3 colheres (de sopa) de manteiga ou margarina
3 pimentões verdes cortados
3 tomates
3 xícaras de milho fresco cortado de espigas.

Modo de fazer: Frite a cebola na manteiga durante 2 ou 3

minutos. Junte o pimentão. Descasque os tomates e pique. Adicione à mistura anterior. Deixe levantar fervura. Cozinhe lentamente em panela tampada durante 10 minutos. Junte o milho e cozinhe por mais 5 minutos. Tempere a gosto.

SALADA DE SOJA VERDE

1/2 xícara de aipo picado (ou couve flor ou palmito picados)
1 xícara de soja verde cozida
2 colheres de azeitonas picadas.
Mistura-se os ingredientes, acrescentando sal e maionese.



FORMANDAS EM CORTE E COSTURA

Realizou-se mais um curso de corte e costura na localidade de Potreirinhos, Tupanciretã, ministrado pela professora Noemi Huth.

Além das formandas de corte e costura, em número de 26, também participaram do ato familiares das cursistas. Na oportunidade fizeram uso da palavra o sr. Santo Dezordi, representando a COTRIJUI, a professora Noemi, e em nome das formandas falaram as senhoras Juvelina Amarante e Margarida Schwetz. As formandas de corte e costura são as seguintes:

Juvelina Amarante Gonçalves, Terezinha da Silva Clarin, Eliane de Fátima da Silva Abreu, Maria Eni de Abreu, Cleci P. Gonçalves, Sunamita Conceição, Alaides de Lima Corrêa, Izaura Abreu, Fátima Salete Abreu, Vanda Pereira, Carolina Moraes, Marina Gonzales de Abreu, Ivone Lucia Gonzales, Geni Abreu, Maria Gonzales de Souza, Margarida Swetz, Solange França Boeff, Maria Mendes Abreu, Eva Queiroz de Abreu, Maria Abreu Moraes, Hriolina Abreu, Derci Silva Aguiar, Oriolina Mendes Abreu, Elvira Pires de Abreu e Evandira Pereira. Na foto as formandas juntamente com a professora Noemi.

TELEX

A COTRIJUI já tem instalado, na sede (Ijuí), um aparelho de Telex.

Decore o número!

0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199
0552 199

CONSELHOS DE PRODUTORES DE SEMENTES APROVARAM MEDIDAS

Pela primeira vez reuniram-se conjuntamente os Conselhos de Produtores de Sementes, criados na região COTRIJUI no ano passado, em Ijuí (Augusto Pestana, Ajuricaba e Vila Jóia), Santo Augusto (Coronel Bicaco e Chiapetta) e Tenente Portela. O encontro teve lugar na COTRIJUI, sala do conselho, na manhã do dia 24 de janeiro. Conduziu os trabalhos o diretor técnico da cooperativa, dr. Nedy Borges, com assessoramento dos agrônomos Sidney Gervini Sousa e Realdo Cervi. No período da tarde os conselheiros visitaram o laboratório e armazém de sementes da COTRIJUI sede e o Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, inteirando-se da dinâmica do trabalho para a obtenção de uma boa semente, desde a observação de critérios básicos como variedades, técnicas de plantio e outros. Até então os Conselhos de Produtores de Sementes vinham se reunindo periodicamente, mas cada qual junto a sua instalação de sementes, em sua área de abrangência.

ASSUNTOS DISCUTIDOS E APROVADOS NO ENCONTRO

Bonificação de semente de soja — Sem dúvida um dos itens mais importantes da pauta do encontro, tendo ficado decidido que para efeito dos cálculos de bonificação, cada instalação teria completa independência, evitando assim a drenagem de recursos de uma

instalação para outra. Convém lembrar que para efeito de cálculo foi levado em conta o valor de Cr\$ 20,00 por saco de semente comercializada. Esse valor foi aprovado pelas Cooperativas e Fecotriço, quando do estabelecimento do preço da semente. É o seguinte o demonstrativo de bonificação de semente de soja de cada uma das instalações.

Tenente Portela: Semente Purificada		— Cr\$ 25,00 por saco
	“ Padrão I	— Cr\$ 18,50 por saco
	“ Padrão II	— Cr\$ 13,00 por saco
	“ Padrão III	— Cr\$ 7,00 por saco
Santo Augusto: Semente Padrão I		— Cr\$ 24,00 por saco
	“ Padrão II	— Cr\$ 13,00 por saco
	“ Padrão III	— Cr\$ 7,00 por saco
Ijuí Semente Padrão I		— Cr\$ 21,50 por saço
	“ Padrão II	— Cr\$ 13,00 por saco
	“ Padrão III	— Cr\$ 7,00 por saco
Vila Jóia Semente Padrão I		— Cr\$ 22,00 por saco
	“ Padrão II	— Cr\$ 13,00 por saco
	“ Padrão III	— Cr\$ 7,00 por saco

Como se observa, os conselhos de produtores de sementes optaram por uma bonificação uniforme para as sementes dos padrões II e III, concordando por outro lado na variação de

bonificação para semente padrão I, tendo em vista as diferentes quantidades produzidas nas unidades, conforme demonstrativo a seguir.

Unidades	SACOS BONIFICADO				TOTAL DISTRIBUIDO
	PADRÃO				
	I	II	III	TOTAL	
IJUÍ	94.838	61.646	616	157.100	141.838
VILA JÓIA	13.070	5.895	1.036	20.001	18.719
TENENTE PORTELA	26.919	7.375	4.113	38.407	31.193
SANTO AUGUSTO	30.429	46.462	2.892	79.783	68.975
TOTAIS	165.256	121.378	8.657	295.291	260.725

Inscrição dos produtores de semente — Quanto a este item ficou decidido que as inscrições dos produtores de semente da atual safra de soja, e das de trigo e forrageiras vindouras, serão realizadas nas épocas respectivas junto ao departamento técnico de cada instalação. O chamamento dos produtores será feito através do rádio.

Taxa de inscrição — Os conselheiros também foram favoráveis a cobrança de uma taxa de inscrição dos produtores que

forneçam sementes, valor que servirá para pagar a inscrição da COTRIJUI, com base no total de hectares de lavoura para semente. Terá o preço de dez cruzeiros por hectare de lavoura inscrita, sendo fator conscientizador no sentido de levar o produtor a somente inscrever lavouras em boas condições para a obtenção de semente de melhor qualidade.

No encontro entre os conselhos também foi determinado um mínimo de área a ser inscrita, por variedade. No caso de trigo,

10 ha, e de soja, 5 ha por variedade, a fim de que retirando a bordadura, se consiga uma produção de pelo mínimo 80 sacos em ambos os casos.

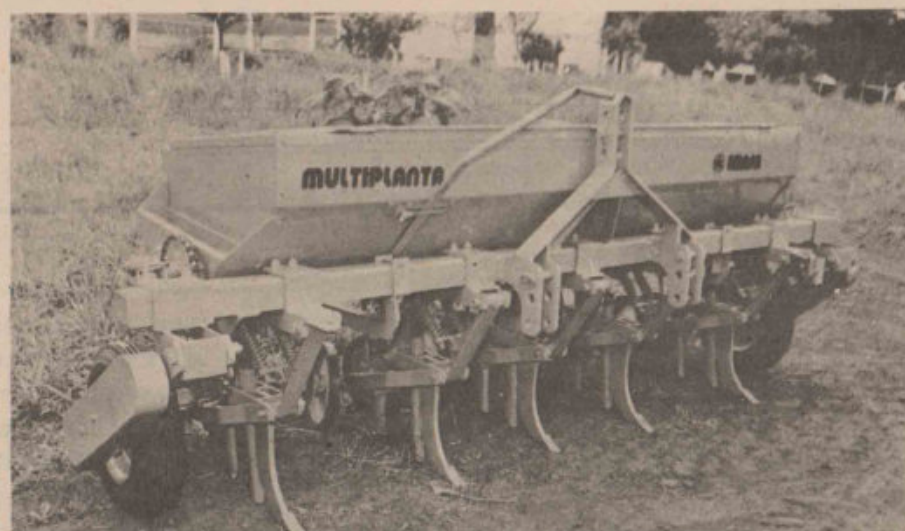
Quanto aos pedidos de reserva de semente de trigo para a próxima safra, os conselheiros foram favoráveis de que a COTRIJUI inicie o recebimento dos pedidos após o Governo decidir a política de preço mínimo a ser adotada. Adiante-se, porém, que



há semente suficiente para o atendimento de todos os associados. Algumas variedades mais novas e ainda com pouca semente, os produtores terão prioridade quando do encaminhamento dos pedidos de reserva.

Um assunto levantado quando da reunião e que será encaminhado à diretoria, é no sentido de que a cooperativa procu-

re estudar a compensação quando houver baixa no peso hectolítico por ocorrência de chuva quando a lavoura de trigo-semente estiver pronta. Argumentam os produtores, que na maior parte das vezes, para entregar a semente com o índice de umidade mínimo exigido, o lote sofre quebra no específico, nem sempre compensado pela bonificação.



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura do sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA, os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO em resteva de trigo.





ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DA PRODUÇÃO LEITEIRA

Méd. Vet. Otaliz de Vargas MONTARDO

A carência mundial de proteínas se constitui hoje num dos mais graves problemas que estão a desafiar a humanidade. Sobe a milhões o número de seres humanos subnutridos e este quadro desolador está a merecer a atenção de todos os homens. É necessário que se firmem posições no sentido de preservar nossas fontes naturais de proteínas, cercadas de todos os cuidados e técnicas que lhes assegurem condições de produção, a fim de minimizar esta trágica diferença entre produção e consumo de alimentos. Somente o esforço conjugado das autoridades, técnicos e produtores rurais poderá alcançar resultados positivos na equação fundamental de produzir mais alimentos em menos tempo.

A diversificação da produção se impõem como uma das propriedades maiores para os países em desenvolvimento. É absolutamente necessário que o binômio homem/terra seja cada vez mais dinâmico, a fim de que se possa explorar com racionalidade todo o potencial da terra, aumentando a produção de alimentos e garantindo ao produtor rural uma situação econômica mais estável.

O movimento cooperativista regional abraçou a causa da diversificação e o primeiro reflexo dessa tomada de posição foi a criação da Cooperativa Central Gaúcha de Leite. Busca-se associar a pecuária leiteira com as culturas dominantes na região (trigo e soja), aumentando o rendimento da produção rural. Trata-se de uma alternativa válida, pois estas explorações se completam na medida em que possibilitam um aproveitamento mais adequado dos recursos disponíveis.

Particularmente a pequena propriedade pode se beneficiar intensamente da integração da pecuária leiteira com a lavoura, pois além dos rendimentos econômicos mensais que este tipo

de exploração proporciona, deve salientar-se que a pecuária leiteira ajuda a incrementar eficazmente a produtividade das terras dedicadas a agricultura. Há ainda um aspecto social que depõem em favor da implantação de uma bacia leiteira, que é que diz respeito ao aproveitamento da mão de obra familiar, às vezes excedente no meio rural. Neste sentido a exploração leiteira pode atuar como elemento fixador do homem no campo.

O leite é um produto de grande importância econômica para o Brasil. O quadro a seguir mostra o valor da produção nacional de leite em 1973 e faz um comparativo com a produção dos principais produtos agropecuários nesse mesmo ano.

PRODUTOS	PRODUÇÃO	VALOR DA PRODUÇÃO (Cr\$ 1.000)
Leite	9.301.657	8.079.170
Carne Bovina	1.628.991	7.770.287
Soja	5.011.614	5.564.908
Arroz	7.167.127	4.410.195
Trigo	2.031.338	1.494.684
Milho	14.109.340	5.123.218

Fonte: IBGE — Anuário Estatístico do Brasil — 1974
Leite — produção em 1.000 litros.

Outro aspecto interessante que merece ser considerado, é o de que a produção leiteira, apesar de vir aumentando anualmente, ainda é insuficiente para atender a demanda do mercado nacional. Isto se comprova pela necessidade da importação de várias toneladas de leite que o país faz a cada ano, a fim de diminuir o deficit desse produto.

Em termos regionais, a exploração leiteira deverá se adaptar perfeitamente ao sistema de produção agrícola vigente sem a

necessidade de concorrer com a lavoura. A propósito, a consorciação da pecuária leiteira com as lavouras de trigo e soja tem como objetivo a integração e não a competição. Os produtores que explorarem harmonicamente a lavoura e a pecuária leiteira, além de se beneficiarem do aumento da produtividade resultante dessa integração, estarão aproximando a agropecuária do seu objetivo mais nobre, que é o de produzir alimentos para o homem.

SEMENTE A GRANEL

O recebimento da semente a granel será o próximo passo no desenvolvimento do programa de produção de sementes. Entretanto, a criação dessa nova estrutura necessita ser entendida conscientemente pelos produtores a fim de evitar o aparecimento de problemas que hoje estão limitados pelo uso da sacaria. A mistura varietal talvez seja um dos principais problemas.

A conscientização do produtor aliado às características de honestidade, capricho, e dedicação, serão fundamentais para a obtenção de uma semente de boa qualidade.

Nada adiantará uma nova estrutura sem a correspondente evolução de nosso produtor. Necessitamos de produtores cada vez mais conscientes de sua responsabilidade.

HIPERGRAN APRESENTA A SUA SUPERPRODUÇÃO

Aqui, a verdade provada: HIPERGRAN é superprodução no trigo. É menor custo de adubação por hectare. É mais dinheiro por safra. É lucro certo na mão. Fale com quem usa HIPERGRAN e compare o dinheiro gasto na adubação, com o resultado na boca da colheitadeira. Converse com o representante CRA de sua região e veja os argumentos dele, provados e comprovados. Seja um campeão na produção de Trigo.

COM HIPERGRAN A TERRA É BOA. HIPERGRAN É CRA.

companhia riograndense de adubos



Lavoura de trigo do Sr. EDSON KRÜGER - 80 ha - Ijuí - RS
Variedade: Maringá - Adubação: 250 kg/ha de
HIPERGRAN 9-30-10* mais cobertura com 30 kg/ha de uréia.
Produção: 1.800 kg/ha - (30 sacos/ha) - Safra 1976
* HIPERGRAN 9-30-10 corresponde ao produto HIPERGRAN HP 93010
Reg. Min. Agricultura - RS 1397
Garantia: N - 9%; P₂O₅ sol. - 2%; K₂O sol. - 10%; P₂O₅ sol. - 22%.



Terra em declive, tecnicamente preparada para horta, com o controle da erosão.

HORTI-GRANJEIRO, SOLUÇÃO PARA O PEQUENO PRODUTOR

Eng. Agr. Hélio Ito POHLMANN

A produção de frutas e hortaliças foi durante longo período considerada como atividade secundária, não merecendo por parte dos produtores a observação dos aspectos técnicos de produção, pois não havia necessidade de obter grande produtividade. Atualmente as áreas tradicionais destinadas à produção hortigranjeira, situadas na periferia das cidades estão desaparecendo em função do crescimento populacional. Este fato trouxe como consequência a necessidade de aumento da produção hortigranjeira. A falta de produção local foi suprida pelo abastecimento oriundo de centros maiores, aumentando o custo do produto final. Todavia esta solução já não é viável dado o aumento dos custos de transporte.

É notória também a existência no sistema produtivo de agricultores possuidores de pequenas áreas de terras, insuficientes para manter sua família em condições desejáveis de vida, havendo períodos com excedentes de mão-de-obra que não encontra absorção na região, gerando, em consequência, problemas sociais e econômicos.

Torna-se, pois, necessária a escolha de outros tipos de exploração agrícola, surgindo como alternativa o setor hortigranjeiro,

que engloba a produção de frutas e hortaliças, por serem empreendimentos possíveis em pequenas áreas de terra, possibilitando bons rendimentos econômicos. No caso das hortaliças ocorre o máximo uso da terra, possibilitando grandes volumes de colheitas em pequena área, com o uso intensivo de mão-de-obra, sendo portanto da maior importância social, além de proporcionar altos retornos econômicos.

Todavia, para obtenção desses resultados é necessário que o produtor siga rigorosamente a orientação técnica e tenha bom conhecimento da oferta do produto, bem como do mercado consumidor, para obter a remuneração compatível com o seu trabalho e investimento, não ocorrendo riscos de perda de produção por falta de comercialização. A qualidade é fator de maior importância, pois a apresentação do produto constitui decisivamente para a sua comercialização, e é um dos aspectos que tão somente com boa tecnologia o produtor poderá alcançar.

É fato corrente que para a obtenção de bons produtos é necessário o controle de pragas e moléstias, normalmente com o uso de defensivos químicos ou

biológicos, fato esse que a técnica recomenda. Contudo há de se lembrar que em se tratando de produtos para consumo in natura, há sempre o risco de existirem resíduos químicos prejudiciais à saúde. Em vista desse fato é necessário que se usem os defensivos adequados e recomendados por técnicos que tenham conhecimento do setor para obter os desejados efeitos, sem prejuízo da saúde humana.

A produção hortigranjeira está sujeita ainda a acentuada sazonalidade, com excessos de produção em alguns períodos e relativa escassez em outros, tornando-se necessário para suprir esta falha, um plano integrado de produção que proporcione ao conjunto de produtores a visão necessária de quanto poderá cultivar sem risco de saturação do mercado e isto somente será possível com o conhecimento da produção unitária em relação ao total.

A COTRIJUI, com o objetivo de fornecer estes dados e proporcionar a necessária assistência técnica, ingressa no setor hortigranjeiro a partir deste ano, com a contratação de engenheiros-agronomos para os setores de fruticultura e olericultura, para estudar a situação, prever soluções e levar informações a todos que as solicitarem.

PLANTIO DIRETO ESTÁ APROVADO!

O plantio direto é um sistema de cultivo que vem se desenvolvendo em nossa região em virtude das vantagens que apresenta em relação ao plantio convencional.

As primeiras experiências sobre plantio direto foram realizadas na estação experimental Rothamstead, na Inglaterra, no ano de 1941. O sistema evoluiu e em 1975, somente nos Estados Unidos foram plantados 2,5 milhões de hectares.

No Brasil os trabalhos iniciaram em 1971, na estação experimental de Londrina e Ponta Grossa. Em 1972, com a colaboração da ICI, foram ampliadas as áreas de pesquisa. No Rio Grande do Sul os trabalhos fo-

ram concentrados nas regiões do Planalto Médio e Missões, sendo cultivados em 1976, aproximadamente 20.000 hectares.

Em nossa região muitos agricultores já estão usando esta técnica em grande escala e com ótimos resultados. Temos certeza que o plantio direto diminuirá os problemas de erosão causados pela mobilização interna dos solos, exigida pela sucessão trigo-soja.

Na foto que ilustra este texto, tirada na granja do associado Dari Meggiolaro, em Ijuí, observe o soja à esquerda resultado de plantio direto e mais ao fundo, à direita, soja resultado de plantio tradicional, em terra preparada.



TELEX

A COTRIJUI já tem instalado, na sede (Ijuí), um aparelho de Telex.

Decore o número!

0552 199

0552 199

0552 199

0552 199

0552 199

REGIÃO APELA AO GOVERNO: RS-155 É PRIORITÁRIA

Dizendo que a necessidade da estrada Ijuí-Três Passos deve estar muito acima das questões políticas que roubam muitas horas do tempo dos senhores deputados, não só na área estadual mas também na Câmara Federal, onde têm acento representantes desta região do Estado, o prefeito ijuicense Wilson Maximino Mânica disse ao COTRIJORNAL que a RS-155 "é

um desafio aos produtores da Região Ceileiro que os políticos não estão sabendo corresponder". A importância da estrada é meridiana. Seu traçado corta zona genuinamente agrícola e pecuária cujas expansões em termos de peso e volumes físicos, são cada vez mais avantajados, ressaltou Mânica. Mas, e segundo tudo está a indicar, essa obra, que se arrasta há dois anos em

ritmo excessivamente lento, vai parar completamente. Esse é o nosso temor; nossa grande preocupação.

Clamamos ao esforçado governador Sinval Guazzelli em nome não só dos ijuenses, povo que temos a honra de governar após termos sido eleitos em trabalhoso pleito, mas, e ousamos afirmar, em nome de todos os demais chefes de Executivo e po-

vo que habita a Região Ceileiro do Rio Grande do Sul, para que não permita a paralisação da estrada, enfatizou Wilson Mânica.

Referindo-se à esta região, Wilson Mânica disse aproveitar o COTRIJORNAL para lançar apelo a todos os prefeitos, presidentes de câmaras municipais, empresários, agricultores e lideranças do cooperativismo, para que se movimentem no sentido de

sensibilizar o Governo para a necessidade da conclusão da RS-155. Finalizando suas declarações à reportagem, disse não poder imaginar a estrada abandonada no estágio em que está, pois os prejuízos para a região em particular e para o nosso Estado, no geral, terão efeitos altamente negativos. LEIA NA PRIMEIRA CAPA, A SEGUNDA CARTA AO GOVERNADOR.

MUDANÇAS NO TRÂNSITO MELHORARAM TRÁFEGO

Mão única em algumas artérias centrais e estacionamento oblíquo, como é o caso especial da rua 15 de Novembro em toda a sua extensão de movimento grosso, foram as modificações introduzidas no trânsito pela CIRETRAN, com excelentes resultados numa primeira fase. A rua 15 de Novembro, uma das principais vias urbana de Ijuí, movimentada o trânsito no sentido sul-norte, com estacionamento oblíquo em ambas as laterais. Melhorou para os motoristas, que sempre encontram um lugar para estacionar e melhorou para o comércio e bancos, pois a rua ficou mais movimentada sem causar transtorno de qualquer espécie.

Espera-se agora que numa segunda fase a CIRETRAN passe a mudar o sentido preferencial das artérias, fixando-o no sentido

leste-oeste, onde o fluxo de tráfego é bem mais intenso. A causa dessa maior demanda de tráfego em extremos localizados a oeste e a leste, é facilmente explicada. A oeste da cidade temos a FIDENE, a COTRIJUI, entidades associativas e desportivas como a AFUCOTRI e a Associação Atlética Banco do Brasil, a Pedreira Municipal, além de grandes empresas comerciais e industriais. E a leste da cidade, basta citar o traçado da BR-285, a margem da qual instalam-se dezenas de firmas comerciais e de prestação de serviço.

A má estruturação do trânsito em Ijuí é reconhecida pelo próprio bacharel Nelson Borgmann, conforme declarou ao COTRIJORNAL (edição de janeiro). Aquela autoridade, no entanto, alega problema de dinheiro para estabelecer a re-

modelação, que reconhece válida. O custo das placas de sinalização é orçado em 200 cruzeiros. Quem sabe se a

comunidade ajuda financeiramente para solucionar um problema que é de todos nós. Aí, nos parece, está uma

boa campanha para os nossos Clubes de Serviço. Os Rotary e Lions Clubes da cidade. Fica a sugestão.



PROPRIETÁRIO RURAL INCLUÍDO NO INPS

O ministro da Previdência Social, sr. Nascimento e Silva, anunciou a 18 de janeiro, através de pronunciamento feito no Rio de Janeiro, a inclusão dos proprietários rurais de todo o País, que alcançam mais de 55 mil, segundo o cadastro do INCRA, nas obrigações e benefícios da previdência social.

Já a partir de fevereiro que passou esses novos registrados do INPS começaram a receber os carnês de contribuição, pagáveis anualmente na rede bancária autorizada. O percentual para pagamento foi calculado com base em dois indica-

dores: um vigésimo do valor da parte da propriedade rural mantida sem cultivo — de acordo com a classificação dada pelo INCRA — e um décimo do valor da produção rural do ano anterior já vendida ou avaliada, segundo a cotação do mercado. Desse total, serão tirados 12 por cento, que constituirão a parte a ser paga anualmente pelo proprietário. Foram fixados os limites para as contribuições anuais de 12 salários mínimos e máximo de 120 salários mínimos.

Os empregados rurais — dos quais, segundo o ministro, mais de 80 por cen-

to são pequenos proprietários de terras — receberão aposentadoria por invalidez, aposentadoria por velhice (aos 65 anos), pensão para os dependentes e auxílio funeral, e assistência médica para o contribuinte e todos os dependentes. Os benefícios foram calculados com base no valor da contribuição anual: aposentadoria por velhice ou invalidez — 90 por cento de um doze avos da média dos três últimos valores sobre os quais tenha incidido a contribuição anual; pensão 70 por cento da aposentadoria por invalidez ou velhice

II ENCONTRO DE MUSEUS EM BAGÉ TEM DATA MARCADA

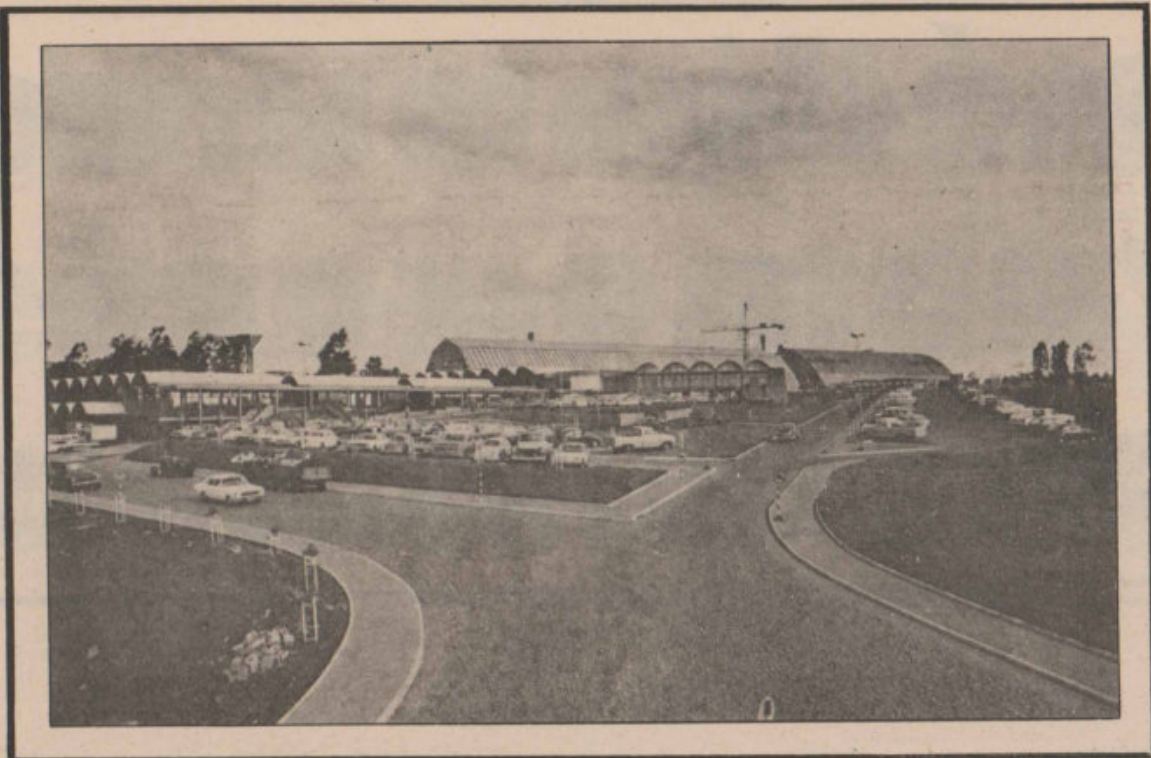
O historiador Tarcísio Antonio Costa Taborda, curador do Museu da Fundação Áttila Taborda e organizador do II Encontro Sul-Riograndense de Museus, esteve em audiência com o secretário Mário Ramos, secretário de Estado do Turismo, com o objetivo de acertar detalhes sobre esse evento que integrará o "Projeto Cultur 1977".

Dessa reunião ficou decidido que o encontro de museólogos, com sede na cidade de Bagé, se desenrolará no período de 17 a 20 de outubro vindouro.

A Associação Brasileira de Museólogos, sediada no Rio de Janeiro, congregando os profissionais dessa área, deu sua adesão a essa realização do Museu Dom Diogo de Souza. O presidente da ABM, dr. Arnaldo Machado, diretor do Museu da Casa da Moeda, se comunicou com o dr. Tarcísio Taborda, informando o desejo de oficialização da reunião.

O II Encontro Sul-Riograndense de Museus terá como tema central "equacionamento para os problemas dos pequenos e médios museus" e se desenvolverá com a realização de um seminário sobre "museus e educação", uma mesa redonda abordando "a formação de museólogos de 2º e 3º grau" e um curso versando "elementos de museologia" além de conferências e comunicações.

A comissão organizadora do encontro 77 tem sua sede no Museu Dom Diogo de Souza, à Avenida...



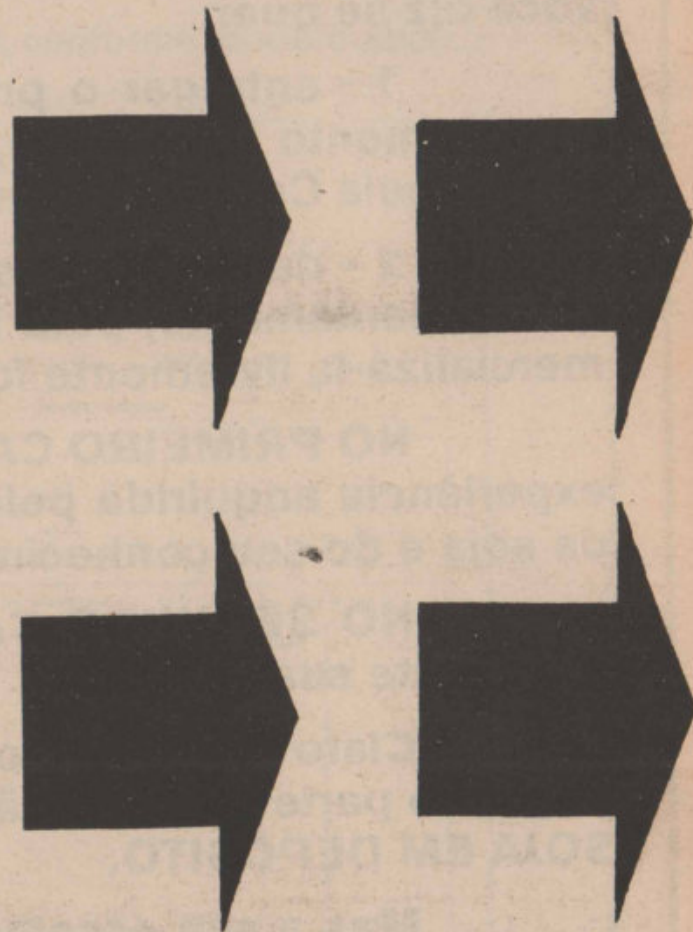
Vista parcial da nova sede em Ijuí.

LOCAIS DE ENTREGA DA SOJA

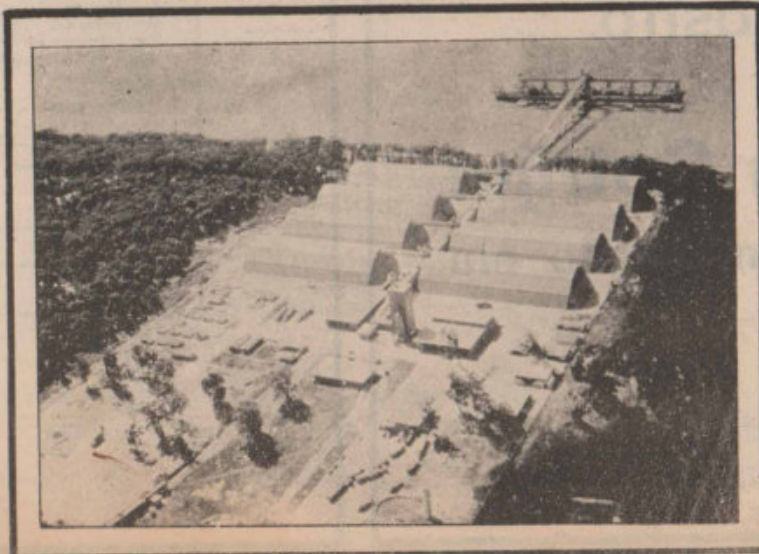
AJURICABA
AUGUSTO PESTANA
CORONEL BICACO
CHIAPETTA
DOM PEDRITO
IJUI
SANTO AUGUSTO
TENENTE PORTELA
VILA JÓIA



**AS DUAS MANEIRAS
DE COMERCIALIZAR
SUA SOJA ATRAVÉS
DA COTRIJUI.**



Vista parcial do Terminal, em Rio Grande.



COTRIJORNAL

Edição de março de 1977

Preço médio ou soja Escolha como você quer para comercializar a

No momento de entregar o produto na Cooperativa, você diz se quer:

1 - entregar o produto à COTRIJUI, com direito a adiantamento por conta, para receber o **PREÇO MÉDIO** obtido pela Cooperativa na sua comercialização, ou

2 - depositar a soja na COTRIJUI, sem direito a qualquer adiantamento, para liquidá-la ao preço do dia ou comercializá-la livremente fora da Cooperativa:

NO PRIMEIRO CASO, o associado se beneficia da experiência adquirida pela Cooperativa na comercialização da soja e do seu conhecimento do mercado.

NO SEGUNDO CASO, o associado comercializará livremente sua produção.

Claro que você pode usar as duas modalidades, entregando parte da produção a **PREÇO MÉDIO** e parte como **SOJA EM DEPÓSITO**.

Mas a sua escolha - feita na entrega do produto - é definitiva e não poderá ser modificada.

É importante:

Todo o produto entregue na COTRIJUI APÓS O DIA 20 DE JUNHO será considerado **SOJA EM DEPÓSITO**.

Comercialização de soja pela Cotrijui

aprovada em reunião do Conselho de Administração em 4/fevereiro/74 e 27/janeiro/75.

1 - O associado, de soja pela modalidade na **NOTA FISCAL DE PREÇO POR EXTENSO**, o seguinte **PREÇO MÉDIO**

NOTA FISCAL

REMI
Nome do Produtor
Endereço
Município
Natureza da Operação
Via de Transporte
Inscrição no C. G. C. (M. F.)

DESTINATÁRIO
Nome
Endereço
Município
Inscrição no C. G. C. (M. F.)

UNI-DADE	QUANTIDADE	PESO LÍQUIDO (kg)	

DESPESAS ACESSÓRIAS POR CONTA DO DESTINATÁRIO
FRETE Cr\$
SEGURO Cr\$
TOTAL Cr\$

Nome do Transportador
Endereço
Estado

Marca	Numero	Quantidade

a em depósito. Quer usar a COTRIJUI sua safra deste ano.

do, desejando comercializar sua safra de SOJA PREÇO MÉDIO, fará constar PRODUTOR (antiga guia modelo 15), seguinte:

O conforme modelo abaixo:

2 - O associado, desejando comercializar sua safra de soja pela modalidade de SOJA DEPOSITADA, fará constar na NOTA FISCAL DE PRODUTOR (antiga guia modelo 15), POR EXTENSO, o seguinte:

SOJA EM DEPÓSITO, conforme modelo abaixo:

NOTA FISCAL DE PRODUTOR N.º _____ VIA _____

REMETENTE DA MERCADORIA

Nome do Produtor _____
 Endereço _____
 Código _____ Estado _____
 Município _____ Data de Emissão ____/____/____
 Natureza da Operação _____
 Via de Transporte _____
 Inscrição no C.G.C. (M.F.) _____ Inscrição Estadual _____

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA

Nome _____
 Endereço _____
 Município _____ Estado _____
 Inscrição no C.G.C. (M.F.) _____ Inscrição Estadual _____

ESPECIFICAÇÃO (região, qualidade, marca, modelo, etc.)	PREÇO	
	UNITÁRIO	TOTAL
PREÇO MÉDIO		

VALOR TOTAL DA NOTA Cr\$ _____

IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS
 Cr\$ _____
 SAIDA DOS PRODUTOS ____/____/____

Placa do Veículo _____
 Município _____

Espécie	Peso	
	Bruto	Líquido

IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS Cr\$ _____

NOTA FISCAL DE PRODUTOR N.º _____ VIA _____

REMETENTE DA MERCADORIA

Nome do Produtor _____
 Endereço _____
 Município _____ Código _____ Estado _____
 Natureza da Operação _____ Data de Emissão ____/____/____
 Via de Transporte _____
 Inscrição no C.G.C. (M.F.) _____ Inscrição Estadual _____

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA

Nome _____
 Endereço _____
 Município _____ Estado _____
 Inscrição no C.G.C. (M.F.) _____ Inscrição Estadual _____

UNI- DADE	QUANTI- DADE	PESO LÍQUIDO (kg)	DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS ESPECIFICAÇÃO (região, qualidade, marca, modelo, etc.)	PREÇO	
				UNITÁRIO	TOTAL
			SOJA EM DEPÓSITO		

VALOR TOTAL DA NOTA Cr\$ _____

DESPESAS ACESSÓRIAS POR CONTA DO DESTINATÁRIO

FRETE Cr\$ _____
 SEGURO Cr\$ _____
 TOTAL Cr\$ _____

IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS
 Cr\$ _____
 SAIDA DOS PRODUTOS ____/____/____

Nome do Transportador _____
 Endereço _____ Placa do Veículo _____
 Estado _____ Município _____

Marca	Número	Quantidade	Espécie	Peso	
				Bruto	Líquido

(O preenchimento dos demais dados da NOTA FISCAL DE PRODUTOR é de acordo com o que o associado tem feito até agora. Qualquer dúvida consulte a COTRIJUI).

3 - Se no momento da entrega nada constar na **NOTA FISCAL DE PRODUTOR**, e ainda estiver dentro do prazo determinado pela presente resolução, a soja será considerada na modalidade **PREÇO MÉDIO**.

4 - **SOJA PREÇO MÉDIO - COMERCIALIZAÇÃO PELA COOPERATIVA**. É a modalidade que vem sendo usada nas últimas safras e consiste:

4.1 - Na entrega da soja com direito a receber o adiantamento por conta do produto entregue;

4.1.1 - Considera-se como "adiantamentos", vinculando, obrigatoriamente, produto na modalidade **PREÇO MÉDIO**, os seguintes:

4.1.2 - Adiantamentos em dinheiro, concedidos diretamente ao associado, em qualquer dos escritórios da Cooperativa, mediante a assinatura de recibo especial;

4.1.3 - Pagamentos realizados a companhias de aviação aérea, por serviços de pulverização executados na(s) lavoura(s) do(s) associado(s), mediante solicitação e autorização deste(s), independente de sua assinatura do recibo especial;

4.1.4 - Recolhimentos efetuados ao Banco do Brasil S.A. ou a qualquer outro Banco, quando solicitados por esses, para cobertura de débitos de responsabilidade do associado, independente de sua assinatura em qualquer autorização especial.

Alterações aprovadas em reunião do Conselho de Administração realizada em 27 de janeiro de 1975, introduzidas no sistema de comercialização da safra de soja de 1977.

4.2 - No ressarcimento à Cooperativa, através de débito na Conta Corrente do associado, da despesa financeira que incidir sobre o adiantamento retirado, que é calculada considerando o valor e o tempo decorrido desde o recebimento do adiantamento até a data da liquidação da safra pela Cooperativa;

4.3 - No recebimento do preço médio apurado pela comercialização efetuada pela Cooperativa.

5 - **SOJA EM DEPÓSITO - LIVRE COMERCIALIZAÇÃO**. A presente modalidade consiste:

5.1 - Na entrega da soja sem direito a adiantamento de qualquer espécie;

5.2 - A soja assim comercializada poderá ser liquidada ao **PREÇO DO DIA**, desde o dia de sua entrega;

5.3 - O associado que julgar não ser conveniente o valor do preço do dia oferecido pela Cooperativa, no momento em que desejar efetuar a liquidação da soja depositada, fica autorizado a efetuar a comercialização fora da Cooperativa, **INDENIZANDO-A** por despesa de recebimento, limpeza, armazenagem e embarque, conforme tarifa anexa, que será atualizada por ocasião de cada safra, e procedendo da seguinte maneira:

5.3.1 - Comunicando **POR ESCRITO** à Cooperativa, que a sua soja foi comercializada com tal firma, preenchendo o documento próprio para essa finalidade, a ser fornecido pela Cooperativa;

5.3.2 - A Cooperativa se responsabilizará pela entrega da soja, nos armazéns em que a mesma se achar depositada, cobrando as despesas constantes no item 5.3 da presente resolução.

6 - **DEMAIS CONDIÇÕES:**

6.1 - **POR OCASIÃO DA ENTREGA DA SOJA (EXTRAÇÃO DA NOTA), E UNICAMENTE NESTE MOMENTO, CABERÁ AO ASSOCIADO DECIDIR A MODALIDADE DE COMERCIALIZAÇÃO QUE DESEJAR, NÃO PODENDO SER MODIFICADA SOB HIPÓTESE ALGUMA ESTA DECISÃO.**

6.2 - A entrega da soja pelo associado, com direito a escolher a modalidade de comercialização, terá como prazo final o dia 20 (vinte) de junho do ano corrente da safra, sendo que a partir daquela data as entregas de soja somente poderão ser feitas na modalidade **SOJA EM DEPÓSITO**.

6.3 - As quantidades de soja comprometidas com a Cooperativa, face a adiantamentos antecipados por conta da soja a ser entregue, ficarão automaticamente enquadradas na modalidade de **PREÇO MÉDIO**, até cobrir o valor do adiantamento recebido antecipadamente.

6.4 - As quantidades de soja entregues para somente na modalidade **SOJA EM DEPÓSITO** somente poderão ser comercializadas com terceiros sob a forma de **SOJA COMÉRCIO**, com direito a bonificação.

TARIFA DE ARMAZENAGEM PARA SOJA ENTREGUE PELOS ASSOCIADOS PARA SER COMERCIALIZADA PELA MODALIDADE SOJA EM DEPÓSITO, QUANDO VENDIDA A TERCEIROS - SAFRA 1977.

1 - Taxa de recebimento e limpeza: Cr\$ 4,00 por tonelada;

2 - Armazenagem:

a) - até 30 de setembro, por quinzena ou fração, Cr\$ 0,30 por saco de sessenta quilos, ou Cr\$ 5,00 por tonelada;

b) - a partir da 1.^a quinzena de outubro, Cr\$ 0,36 por saco de sessenta quilos, ou Cr\$ 6,00 por tonelada quinzena ou fração;

3 - Embarque: Cr\$ 4,60 por tonelada, produto a granel.

**Preço médio ou soja em depósito.
Escolha como você quer usar a COTRIJUI
para comercializar a sua safra deste ano.**